

**SANDRA DIAS SIMPLÍCIO**

**ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE DE  
PROFESSORES DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE SÃO PAULO**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FIEO  
Osasco  
2010**

**SANDRA DIAS SIMPLÍCIO**

**ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE DE  
PROFESSORES DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada a Banca do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Educacional, do Centro Educacional FIEO, para a obtenção do título Mestre em Psicologia Educacional.

Área de concentração: Psicopedagogia

Linha de Pesquisa: Psicopedagogia e Instituições

Orientadora: Dra. Márcia Siqueira de Andrade

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FIEO**  
**Osasco**

Aprovado em .                      de                      de 2010

BANCA EXAMINADORA

---

Dra. Márcia Siqueira de Andrade  
FIEO-Orientadora

---

Dra. Sandra Francesca Conte de Almeida  
UCB-Membro Externo

---

Dra. Beatriz Judith Lima Scoz  
FIEO-Membro Interno

---

Dra. Maria Laura Puglisi Munhoz  
FIEO-Membro Suplente

SÃO PAULO  
FIEO

## Dedicatória

São tantos professores que eu conheci e que marcaram minha vida!  
Dedico a todos eles!  
Dedico também aos amigos professores, irmãos de coração.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Dra. Márcia Siqueira Andrade pelo suporte na preparação deste trabalho.

A Dra. Maria Laura Publisi Munhoz e a Dra. Beatriz Judith Lima Scoz, pela valiosa contribuição em minha banca de qualificação.

À Dra. Sandra Francesca Conte de Almeida pela disponibilidade de leitura e participação, o que trouxe também contribuições importantes para o meu trabalho.

**SANDRA DIAS SIMPLÍCIO**

**ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE  
DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE SÃO PAULO**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FIEO  
OSASCO  
2010**

**SANDRA DIAS SIMPLÍCIO**

**Área de concentração: Psicopedagogia**  
**Linha de pesquisa: Psicopedagogia e instituições**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FIEO**  
**OSASCO**  
**2010**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>página 09</b>
<b>1. BREVE HISTÓRICO SOBRE O TRABALHO DOCENTE</b>	<b>12</b>
<b>2. O DOCENTE : A SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i></b>	<b>16</b>
<b>3. OBJETIVO</b>	<b>19</b>
<b>4. MÉTODO</b>	<b>20</b>
5.1. Participante	20
5.2. Material	21
5.3. Procedimentos	21
5.4. Análise dos dados	21
<b>6. RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO</b>	<b>23</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>50</b>
<b>8. REFERÊNCIAS</b>	<b>54</b>
<b>9. ANEXOS</b>	<b>58</b>



## INTRODUÇÃO

Professores têm sido alvo de diversas investigações (Costa,2005; Gasparini, Barreto, Assunção, 2005; Gasparini, Barreto, Assunção, 2006; Carlotto e Palazzo, 2006; Araújo, Sena, Viana, Araújo, 2005; Gomes e Brito, 2006; Reis, Araújo, Carvalho, Barbalho e Silva, 2006; Gomes, Silva, Morisco, Silva, Mota e Montenegro, 2006; Penteado, 2007) pois no exercício profissional da atividade docente encontram-se presentes diversos estressores psicossociais, alguns relacionados à natureza de suas funções, outros relacionados ao contexto institucional e social onde estas são exercidas (Mancebo, 2007). Para Seeger & Van Elderen (1996):

Os elementos percebidos na situação de trabalho podem agir como estressores e podem conduzir a reações de tensão e estresse. Se estes estressores (por ex: ambigüidade de funções, conflito de funções e incerteza respeito do futuro no trabalho) persistirem e se os sujeitos perceberem sua potencialidade de confronto como insuficiente, então poderão produzir-se reações de estresse psicológico, físico e de conduta e, desta maneira conduzir eventualmente à doença e ao absentismo (Seeger & Van Elderen, 1996, p.212).

Ensinar pode ser uma atividade altamente estressante, com repercussões na saúde física, mental e no desempenho profissional dos professores. Dentre as repercussões mais relatadas na literatura especializada destacam-se doenças cardiovasculares, distúrbios advindos do estresse, labirintite, faringite, neuroses, fadiga, insônia e tensão nervosa (Reis, Borges, Araújo, Carvalho, Barbalho e Silva, 2006). O estresse ocupacional pode ser constatado entre os docentes pelos seus problemas de saúde e pela redução na freqüência ao trabalho. Fatores psicológicos ligados ao estresse docente incluem ansiedade, depressão, irritabilidade, hostilidade e exaustão emocional (Scherer, 2004).

No Brasil há relativa escassez de estudos sobre a saúde do professor em comparação com trabalhadores de outras profissões. Dois importantes estudos nesta

área foram feitos por Codo (1999), enfocando saúde mental, e Silvany-Neto, Araújo, Dutra, Azi, Alves, Kavalkievcz, Reis (2000), envolvendo processo e condições de trabalho e as repercussões sobre a saúde do educador. O estudo de Codo (1999) sobre a saúde mental dos professores de primeiro e segundo graus em todo o país abrangeu 1.440 escolas e 30.000 professores, e revelou que 26% dos professores estudados apresentavam exaustão emocional. A desvalorização profissional, baixa auto-estima e ausência de resultados percebidos no trabalho desenvolvido foram fatores associados ao quadro encontrado.

O estudo de Silvany-Neto et al. (2000) envolveu amostra representativa dos professores da rede particular de ensino de Salvador, abarcando 58 escolas e 573 professores. As condições de trabalho negativas mais referidas foram esforço físico elevado (78,8%), exposição à poeira e ao pó de giz (62%) e fiscalização contínua do desempenho (61,9%). As cinco queixas mais freqüentes de saúde foram dor de garganta, dor nas pernas, dor nas costas, rouquidão e cansaço mental. A prevalência de distúrbios psíquicos menores foi de 20,3%. Os estudos anteriormente citados revelam elevado nível de estresse associado ao trabalho entre os educadores e deram visibilidade aos problemas de saúde no grupo ocupacional docente.

Reis, Araújo, Carvalho, Barbalho & Silva (2006) encontraram maior prevalência de nervosismo e cansaço mental entre os professores que referiram baixo suporte social. Resultado semelhante estudo foi encontrado no estudo de Jacobsson et al. (2001), no qual a ausência de suporte social, de cooperação e de controle estava significativamente relacionada com exaustão emocional e irritabilidade. No estudo de Taris, Schreurs, Peeters, Le Blanc, & Schaufeli (2001) verificou-se que estresse experimentado em um relacionamento particular (com outros professores, chefes ou estudantes) contribuía para elevar o nível de exaustão emocional. O relacionamento com estudantes mostrou ser o que causava maiores efeitos negativos.

No estudo de Dick & Wagner (2001), o suporte da chefia diminuiu a percepção dos problemas com o trabalho e com estudantes. Griffith, Steptoe, Cropley, (1999) observaram menor nível de estresse entre a população com maior suporte social. Esses estudos reforçam a evidência dos efeitos benéficos do bom relacionamento entre

colegas e de uma boa atmosfera de trabalho, criando um efeito protetor para os agravos psíquicos.

Frente ao propósito de estudar os aspectos relacionados à saúde mental do professor, propôs-se a organização deste texto em seções. A primeira aborda breve histórico sobre o trabalho docente. A segunda seção versa sobre os aspectos relevantes sobre o mal-estar docente. Posteriormente, na terceira seção, discorre-se sobre a questão da Síndrome de *Burnout*. Na seção seguinte é descrito o percurso metodológico. Em seguida, na quinta seção são apresentados os resultados. As referências utilizadas no trabalho e os anexos vêm à seguir.

## 1. BREVE HISTÓRICO SOBRE O TRABALHO DOCENTE

A escola, tal como a concebemos hoje, constituiu-se a partir do século XV no âmbito de uma sociedade disciplinar erigida no conjunto das transformações que produzem a modernidade. A concepção moderna de que o homem é ‘moldável’ e ‘transformável’ favoreceu o desenvolvimento de uma nova concepção de infância, que passou a ser o centro de atenção e preocupação.

Ao mesmo tempo, emergiu um conjunto de procedimentos e técnicas para controlar, corrigir, disciplinar e medir os indivíduos, tornando-os mais dóceis e úteis. Todo este processo, pelo qual a aprendizagem por ‘impregnação cultural’ é substituída pela ‘escolarização’ vai se desenvolver, consideravelmente, no século XVI. Nesse período, as escolas já constituídas e sob a tutela da Igreja abriram-se às camadas populares para instrumentalizar o povo para a leitura das sagradas escrituras, sendo o próprio clero o responsável pela atividade docente. A necessidade de convocar colaboradores leigos fez com que fosse instituída a realização de uma profissão de fé e um juramento de fidelidade aos princípios da Igreja, o que deu origem ao termo professor: pessoa que professa a fé e fidelidade dos princípios da instituição e se doa sacerdotalmente aos alunos (Krentz, 1986).

Refere ainda o autor que a visão de magistério a partir desta perspectiva sacerdotal surge, de forma mais evidente, no momento da Revolução Francesa. A concepção de professor caracteriza-o como aquele que se doava à causa de resistir ao avanço do liberalismo. Era visto como uma figura estratégica, o guardião de uma ordem cujo sistema de referência era sagrado e cujas normas econômicas e sociais eram legitimadas pelas normas e valores religiosos.

A essa concepção se incorporou, através dos tempos, uma visão da prática do magistério de que o professor detém privilégios, com alto nível de qualificação e de

autonomia, que o situa no campo do trabalho intelectual em oposição ao trabalho manual (Moura, 1997).

Segundo Enguita (1989), do doutrinação religioso a escola passou à doutrinação ideológica, para a disciplina material, para a organização da experiência escolar, de forma que gerasse nos jovens hábitos e comportamentos mais adequados às necessidades da indústria. A precariedade da organização das escolas e dos processos educativos, segundo o autor, correspondia à rudimentaridade da organização dos processos produtivos do século XIX. Quando a produção fabril foi submetida a uma profunda revisão, cuja parte mais visível foram as idéias da gestão científica do trabalho, propostas pelo taylorismo, as escolas não tardaram a ligar-se a essa nova ordem. O paradigma da eficiência estava instituído.

No contexto da carreira obsessiva e do domínio geral do discurso da eficiência, as escolas, através de mais ilustres reformadores inspirados no mundo da empresa, importaram seus princípios e normas de organização de forma extremada em ocasiões delirantes, mas sempre com notáveis conseqüências para a vida nas salas de aula (Enguita, 1989, p. 125).

Dentre várias questões impostas pela nova organização do trabalho, algumas foram especificamente formuladas aos professores: 1) desenvolver métodos eficazes a serem seguidos pelos professores; 2) determinar, em função disso, qualificações necessárias para o exercício da atividade; 3) capacitá-los em consonância com as qualificações, ou colocar requisitos de acesso; 4) fornecer formação permanente que mantivesse o professor à altura de suas tarefas durante sua permanência na instituição; 5) dar-lhe instruções detalhadas sobre como realizar seu trabalho; e 6) controlar permanentemente o fluxo do produto parcialmente desenvolvido, isto é, o aluno (Enguita, 1989).

Nos últimos anos, outras questões se adicionam às da organização do trabalho docente. Segundo Esteve (1999), têm aumentado as responsabilidades e exigências que se projetam sobre os educadores, coincidindo com um processo histórico de uma rápida transformação do contexto social, o qual tem sido traduzido em uma modificação do papel do professor. Merazzi (1983) acredita que as mudanças do papel do professor estejam ligadas a três fatos fundamentais: 1º) a evolução e a

transformação dos agentes tradicionais de socialização (família, ambiente cotidiano e grupos sociais organizados), que, nos últimos anos, vêm renunciando às responsabilidades que antigamente vinham desempenhando no âmbito educativo, passando a exigir que as instituições escolares assumam esta responsabilidade; 2º) o papel tradicionalmente designado às instituições escolares, com respeito à transmissão de conhecimentos, viu-se seriamente modificado pelo aparecimento de novos agentes de socialização (meios de comunicação e consumo cultural de massas, etc.), que se converteram em fontes paralelas de informação e cultura; e 3º) o conflito que se instaura nas instituições quando se pretende definir qual é a função do professor, que valores, dentre os vigentes em nossa sociedade, o professor deve transmitir e quais deve questionar.

As transformações apontadas, segundo Esteve (1999, p.31), supõem um profundo e exigente desafio pessoal para os professores que se propõem a responder às novas expectativas projetadas sobre eles. O professor, neste processo, se depara com a necessidade de desempenhar vários papéis, muitas vezes contraditórios, que lhe exigem manter o equilíbrio em várias situações. Exige-se que seja companheiro e amigo do aluno, lhe proporcione apoio para o seu desenvolvimento pessoal, mas ao final do curso adote um papel de julgamento, contrário ao anterior. Deve estimular a autonomia do aluno, mas ao mesmo tempo pede que se acomode às regras do grupo e da instituição. Algumas vezes é proposto que o professor atenda aos seus alunos individualmente e em outras ele tem que lidar com as políticas educacionais para as quais as necessidades sociais o direcionam, tornando professor e alunos submissos, a serviço das necessidades políticas e econômicas do momento (Merazzi, 1983).

Perrenoud (1993) diz ser a profissão docente uma “profissão impossível”, na medida em que está sempre entre aquelas que trabalham com pessoas. Por esta razão, o sucesso do empreendimento educativo nunca estará assegurado, pois em tais profissões sempre há mudanças, ambigüidades, conflitos, opacidades e mecanismos de defesa.

Esteve (1999) adverte sobre as desastrosas tensões e desorientações provocadas nos indivíduos quando estes se vêem obrigados a uma mudança excessiva em um período de tempo demasiadamente curto. Para o autor, o professor está sendo

tirado de um meio cultural conhecido, em que se desenvolveu até então sua existência, e está sendo colocado em um meio completamente distinto do seu, sem esperança de voltar à antiga paisagem social de que se lembra.

Talvez a mais significativa modificação ocorrida no papel do professor esteja relacionada ao que o autor anteriormente citado denomina de “avanço contínuo do saber”. Não se trata somente da necessidade de atualização contínua, mas sim da renúncia a conteúdos e a um saber que vinha sendo de seu domínio durante anos. Os professores devem incorporar conteúdos que nem sequer eram mencionados quando começaram a exercer sua profissão. O professor que resiste a estas mudanças, que ainda pretende manter o papel de modelo social, o de transmissor exclusivo de conhecimento e o de hierarquia possuidora de poder tem maiores possibilidades de ser questionado e de desenvolver sentimentos de mal-estar.

## 2. O DOCENTE E A SÍNDROME DE *BURNOUT*

Embora ainda escassas, as pesquisas sobre a insatisfação dos professores no magistério tem aparecido cada vez mais freqüente nos últimos anos, tanto no Brasil como em outros contextos. Diversos estudos mencionam o perfil dos professores em relação à carreira docente, de modo a entender como estes reagem a diferentes situações no contexto do trabalho (Elvira & Cabrera, 2004; Carlotto, 2008; Reis, Araújo, Carvalho, Barbalho & Silva, 2006). Ao mesmo tempo, investigações atuais revelam que os professores podem ser afetados, durante o desenvolvimento de suas ações docentes, por elevado estresse, ocasionando o que a literatura reconhece como Síndrome de *Burnout*.

Quer seja entendido como um dos sintomas do chamado "mal-estar docente", conforme expressão cunhada pelo pesquisador espanhol José Manuel Esteve (1999), quer como manifestação das várias formas de esgotamento que afetam os professores, comumente enfeixadas sob a denominação de *Burnout*, os estudiosos são concordes em reconhecer que esse fenômeno é desencadeado por uma multiplicidade de fatores e alimentado tanto pela escola, como pela comunidade e a sociedade em geral.

*Burnout* é uma forma extrema de alienação específica de papel caracterizada por um sentimento de que o trabalho de alguém é destituído de sentido e que essa pessoa está impotente para realizar mudanças que podem tornar o trabalho mais significativo. Além disto, esse sentimento de falta de sentido e impotência é reforçado por uma crença de que as normas associadas ao papel e à situação são ausentes, conflitantes ou inoperantes, e que essa pessoa está só e isolada entre os colegas e clientes. (LeCompte, Dworkin, 1991, p.94)

O termo *Burnout* é definido, segundo um jargão inglês, como aquilo que deixou de funcionar por absoluta falta de energia. Metaforicamente é aquilo, ou aquele, que chegou ao seu limite, com grande prejuízo em seu desempenho físico ou mental. Na medida que esse fenômeno de proporções cada vez mais abrangentes diz respeito e



afeta aquilo que é crucial ao exercício da profissão do magistério, ou seja, o envolvimento com o trabalho; a crença na importância do ensino para as futuras gerações; a percepção de reconhecimento e valorização da atividade docente por parte dos alunos, dos pais e da sociedade; a garantia de condições satisfatórias de trabalho e de salário condizente com o esforço; enfim, tudo o que se refere ao bem-estar do professor, as pesquisas têm procurado apreender e descrever esse fenômeno, chamando atenção para as conseqüências que dele decorrem não só para os professores, como para os alunos e a sociedade.

*Burnout* é um tipo de estresse ocupacional que acomete profissionais envolvidos com qualquer tipo de cuidado em uma relação de atenção direta, contínua e altamente emocional (Vanderberghe & Huberman, 1999). As profissões mais vulneráveis são geralmente as que envolvem serviços, tratamento ou educação (Maslach & Leiter, 1999).

Atualmente, a definição mais aceita do *Burnout* é a fundamentada na perspectiva social-psicológica de Maslach & Leiter, (1999), sendo esta constituída de três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização pessoal no trabalho.

Maslach, Schaufeli e Leiter (2001) assim definem as três dimensões da síndrome: exaustão emocional, caracterizada por uma falta ou carência de energia, entusiasmo e um sentimento de esgotamento de recursos; despersonalização, que se caracteriza por tratar os clientes, colegas e a organização como objetos; e diminuição da realização pessoal no trabalho, tendência do trabalhador a se auto-avaliar de forma negativa. As pessoas sentem-se infelizes consigo próprias e insatisfeitas com seu desenvolvimento profissional.

O processo do *Burnout* é individual (Rudow, 1999). Sua evolução pode levar anos e até mesmo décadas (Rudow, 1999). Seu surgimento é paulatino, cumulativo, com incremento progressivo em severidade não sendo percebido pelo indivíduo, que geralmente se recusa a acreditar estar acontecendo algo de errado com ele (Rudow, 1999).

Maslach, Schaufeli e Leiter (2001) pontuam que, nas várias definições do *Burnout*, embora com algumas questões divergentes, todas encontram no mínimo cinco elementos comuns:

1) existe a predominância de sintomas relacionados a exaustão mental e emocional, fadiga e depressão; 2) a ênfase nos sintomas comportamentais e mentais e não nos sintomas físicos; 3) os sintomas do *Burnout* são relacionados ao trabalho; 4) os sintomas manifestam-se em pessoas “normais” que não sofriam de distúrbios psicopatológicos antes do surgimento da síndrome; 5) a diminuição da efetividade e desempenho no trabalho ocorre por causa de atitudes e comportamentos negativos.

O termo *Burnout* surgiu para explicar o sentimento de sentir-se queimado por dentro como se estivesse acabado suas última chama. No Brasil ele é conhecido como a Síndrome de Esgotamento Profissional, vista como um tipo de resposta crônica a estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho e reconhecido pelo código do CID 10 da OMS (Organização Mundial da Saúde).

Porém foi Freudenberg (1974) quem aplicou o termo *staff Burnout* no sentido usado hoje. Surgiram trabalhos na década de 1970, de autoria de Freudenberg que apontavam para um dos fatores que impulsionam o desenvolvimento da Síndrome: a de profissionais cujo trabalho exige um contato direto com outras pessoas como médicos, enfermeiros, bombeiros, professores, agentes de segurança pública, assistentes sociais e outros. Maslach, Schaufeli & Leiter (2001) afirmam que qualquer profissional está sujeito a sofrer de *Burnout*, sendo o contexto de trabalho aliado a outras condições e características individuais, desencadeadoras de *Burnout*.

*Burnout* é o resultado de um prolongado processo de tentativas de lidar com determinadas condições de estresse. O estresse pode ser visto como seu determinante, mas não coincidente. *Burnout* não resulta só do estresse em si, mas do estresse não moderado, sem possibilidade de solução. Sendo assim, *Burnout* não é um evento, mas sim um processo e apesar de compartilharem duas características, esgotamento emocional e escassa realização pessoal, *Burnout* e estresse ocupacional diferem do fator despersonalização e é considerado como um quadro clínico mental extremo do estresse ocupacional.

### **3. OBJETIVOS**

Ampliar a compreensão da relação que se estabelece entre trabalho e saúde dos professores da rede municipal de São Paulo;

Compreender como a carreira docente pode influenciar no adoecimento do professor.

## 4. METODOLOGIA

### 5.1. Participante

O universo foi formado por professores das escolas da Rede Pública do Município de São Paulo. Deste universo selecionou-se 34 professores de uma mesma escola do Ensino Fundamental I, II e do Ensino Infantil, de diferentes idades e tempo de exercício no magistério variável.

Os participantes desta pesquisa foram caracterizados considerando-se algumas variáveis que pareceram relevantes tendo em vista os objetivos do presente estudo: sexo, idade, tempo de profissão, nível de ensino que atua, cargo atual. Apresentamos em seguida a tabela informativa geral dos entrevistados.

**Quadro 1. Caracterização dos sujeitos da pesquisa**

<i>Nome*</i>	<i>Idade</i>	<i>Nível de ensino em que atua</i>	<i>Tempo de profissão</i>	<i>Situação atual</i>
<b>Sonia</b>	52	Ensino Fundamental II	Vinte anos	Diretora e professora
<b>Nair</b>	35	Ensino Fundamental II	Doze	Professora (Exonerou-se)
<b>Catarina</b>	27	Ensino fundamental I	Cinco anos	Professora
<b>Marisa</b>	25	Ensino Fundamental II	Três anos	Professora
<b>Cássia</b>	39	Ensino Fundamental I	Três anos	Professora
<b>Neide</b>	36	Ensino Fundamental I	Doze anos	Professora
<b>Neli</b>	40	Educação Infantil	Sete anos	Professor designada para outro cargo no setor
<b>Joana</b>	34	Ensino Fundamental I	Dezesseis anos	Professora com jornada em duas escolas públicas
<b>Benedita</b>	55	Ensino Fundamental I	Vinte e seis anos	Professora
<b>Matilda</b>	32	Ensino Fundamental I	Dez anos	Professora
<b>Edna</b>	41	Ensino Fundamental I	Dezoito anos	Professora
<b>Margot</b>	36	Ensino Fundamental I	Vinte anos	Professora
<b>Darlene</b>	29	Ensino Fundamental I	Sete anos	Professora
<b>Cordélia</b>	48	Educação Infantil	Dezenove anos	Professora

<b>Katiele</b>	42	Educação Infantil	Dez anos	Professora
<b>Gladis</b>	36	Educação Infantil	Doze anos	Professora
<b>Cleide</b>	44	Ensino fundamental	Dezesseis anos	Professora
<b>Gabriela</b>	22	Ensino Fundamental I	Dois anos	Professora
<b>Patrícia</b>	26	Educação Infantil	Dois anos	Professora
<b>Adriana</b>	50	Ensino Fundamental II	Dezoito anos	Professora
<b>Cíntia</b>	51	Ensino fundamental	Vinte anos	Professora
<b>Walter</b>	52	Ensino Fundamental II	Trinta anos	Professor aposentado
<b>Silvia</b>	42	Ensino fundamental I	Dez anos	Professora readaptada
<b>Rosana</b>	22	Ensino Fundamental I	Quinze anos	Professora
<b>Arminda</b>	35	Ensino Fundamental I	Quinze anos	Professora readaptada
<b>Benvinda</b>	48	Ensino Fundamental I	Quinze anos	Professora readaptada
<b>Lenita</b>	37	Ensino Fundamental I	Vinte anos	Professora readaptada aposentada
<b>Maria</b>	60	Ensino Fundamental I	Trinta anos	Professora readaptada
<b>Alberto</b>	31	Ensino Fundamental II	Doze anos	Professor
<b>Luiz</b>	47	Ensino Fundamental II	Vinte anos	Professor
<b>Vera</b>	47	Ensino Fundamental I	Vinte anos	Professora
<b>Eunice</b>	28	Ensino Fundamental I	Três anos	Professora
<b>Sofia</b>	24	Ensino Fundamental I	Cinco anos	Professora

\* Os nomes dos participantes são fictícios.

## 5.2. Material

Foram utilizadas 2 técnicas para a coleta de dados: questionário e relatos de professores. O questionário coletou informações sobre idade, formação, tempo de atuação e estado civil dos professores além da sua história profissional.

## 5.3. Procedimentos

Os professores foram solicitados a escrever um relato a partir da seguinte orientação: eu gostaria que você relatasse como é a sua profissão de professor.

Os relatos foram solicitados individualmente e assim sendo, cada um pôde discorrer livremente sobre o solicitado. Foram recebidos no período de setembro de 2003 a fevereiro de 2004 trinta e quatro relatos. Dentre todos escolhemos para análise em profundidade aqueles que mais contribuições trouxeram para alcançarmos os objetivos desta pesquisa.

## 5.4. Análise dos dados

A análise dos dados coletados foi realizada por meio da análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977, p.30), a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos

metodológicos que se aplicam a conteúdos diversificados. É uma interpretação dos sentidos das palavras, baseada na inferência.

Para a mesma autora (1977, p.1), muitas vezes, os conteúdos encontram-se ligados a outra coisa, ou seja, aos códigos que contêm as significações que estas escondem. Através da análise procuramos extrair as crenças, os símbolos e os valores dos professores.

De acordo com Bardin (1977, p.32), podemos dizer que as categorias são classes que reúnem em um título genérico, características comuns de um grupo de elementos ou unidades de registro.

Após a coleta dos dados, foi feita uma leitura ampla do material obtido.

Em seguida, realizou-se a análise de conteúdo a qual envolveu: a) a identificação dos temas e sua posterior divisão em unidades de respostas; b) o recorte dos textos de acordo com os conteúdos apresentados; e c) o agrupamento e a categorização das unidades de respostas, que representam o conjunto de idéias comuns ao grupo pesquisado.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao recuperar as falas dos participantes desta pesquisa para análise, tentou-se reconstruir a história profissional do professor do início ao final de sua carreira por caracterizarem diferentes conflitos vivenciados pelos participantes da pesquisa.

A análise destes relatos, recortando a trajetória dos participantes da pesquisa, foram organizados em quatro momentos da vida profissional: o estágio, o início da carreira, a experiência e o final da carreira.

Em cada uma dessas etapas identificou-se três categorias que emergiram enquanto sintomas prejudiciais à saúde: exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização pessoal.

### 6.1. O estágio

O estágio é vivenciado com alguma apreensão e expectativa pelos seus principais intervenientes, os estagiários. Para Caíres (2003, p. 137), trata-se de um "*[...] período de intensa exploração e descoberta de si próprio, dos outros e dos contextos onde passará a movimentar-se*" pautado por uma multiplicidade de cognições e afetos que, pela sua diversidade, intensidade e complexidade, fazem do estágio um dos momentos mais ricos e desafiantes do percurso dos alunos do ensino superior.

A promoção de competências de empregabilidade e desenvolvimento de destrezas na sua área profissional, o desenvolvimento de competências sociais e interpessoais, ganhos no nível da sua auto-estima e sentido de auto-eficácia, ou os maiores níveis de auto-conhecimento atingidos surgem, geralmente, em resultado do confronto com tais desafios (Caires, 2001; Malglaive, 1997; Ryan, Toohey & Hughes, 1996).

Gabriela realizou estágio na escola por um período de dois anos, antes de tornar-se efetiva mediante o concurso público. Seu relato por si só conta como é ser estagiário na escola pública e mesmo após alguns anos relatou o que sentiu como estagiária.

Ao iniciar o estágio eu pensei que iria poder participar das aulas. O que eu vivo é muito chato e tem sala que dá vontade de dar no pé. Sinto-me como os

alunos. Quando bate o sinal quero sair correndo. Ficávamos sentadas no fundo da sala, eu e minha parceira de estágio como estátuas. Tem professora que nem olha que a gente está lá só porque somos jovens. Tem algumas que querem a gente apenas para corrigir e passar lição em caderno porque estamos sem sala de aula. O que acho ruim é que o resto é muito ruim e a gente quer desistir só de ver os problemas que acontecem na real.

As cenas descritas por Gabriela parecem comuns a outros iniciantes do magistério .

O Parecer número 21, de 2001, do Conselho Nacional de Educação, define o Estágio Curricular como:

tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário [...] é o momento de efetivar um processo de ensino/aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário.

Compreender o Estágio Curricular como um tempo destinado a um processo de ensino e de aprendizagem é reconhecer que, apesar da formação oferecida em sala de aula ser fundamental, só ela não é suficiente para preparar os alunos para o pleno exercício de sua profissão. Faz-se necessária a inserção na realidade do cotidiano escolar. O que é proporcionado pelo estágio.

Segundo Behrens (1991, p. 18) “o *Estágio tem sido motivo de muitas controvérsias no meio acadêmico. Normalmente, caracteriza-se como uma atividade realizada no último ano do Curso com o objetivo de instrumentalizar o profissional para atuar na sala de aula.*”

Esta interpretação feita do Estágio Curricular nem sempre tem contribuído para a efetiva formação de futuros professores. Por um lado, o estágio concentrado no último ano do curso acaba por se caracterizar pela preocupação excessiva com os aspectos burocráticos, como: o cumprimento de carga horária, o preenchimento de fichas, entre outros. Por outro lado, acentua o conceito equivocado de estágio enquanto pólo prático de um curso, num relativo distanciamento da teoria estudada, ao longo do curso, pelas demais disciplinas.



A concepção fragmentada da formação — em que a sala de aula é o espaço para a teoria e o campo profissional é o espaço para a prática — é uma das responsáveis pela efetiva desarticulação desses elementos, contribuindo para que a preocupação principal na realização do estágio curricular se concentre nos seus aspectos burocráticos.

## 6. 2. O início:

Às vezes o ciclo de sofrimento docente se inicia logo no começo da aprendizagem do ofício de ser professor. Muitas professoras estagiárias iniciam suas carreiras logo após o término do estágio como professoras eventuais nas escolas públicas. O professor eventual da rede pública leciona apenas na falta do professor titular da classe, situação que gera insegurança, instabilidade financeira, distanciamento do projeto pedagógico da escola, aulas em séries diversificadas e em diversas situações emergenciais além de as vezes não sentir-se como por parte de um grupo de professores.

O relato da professora Rosana, professora titular de módulo eventual há dois anos nos remete a tal situação:

E hoje infelizmente os problemas parecem que só aumentam, principalmente quando me refiro aos ditos “colegas de profissão”. Me sinto muitas vezes humilhada, humilhação essa que vem por parte da maioria dos professores, coordenação e direção; às vezes até parece – me que nós eventuais não fazemos parte da escola, que estamos de favor, e se abrimos a boca, a situação fica pior, temos algumas vezes que participar de certas reuniões, escutar tudo que for dito e simplesmente ficarmos caladas.

Este profissional vivencia uma carreira inicial sem as condições necessárias que poderiam estar lhe auxiliando no enfrentamento das adversidades. Realizou um estágio de curta duração, reconhece suas limitações como profissional. Não tem acesso a uma formação continuada, pois não possui rendimentos suficientes para alcançá-la e sofre a angústia das relações hostis que embora sejam veladas, lhe impingem a condição atual.

O relato de Darlene, professora titular do cargo, em módulo eventual há três anos, parece confirmar as dificuldades:

Em minha trajetória docente já escutei de tudo, como por exemplo: —essas professoras eventuais são mortas de fome. Eu hein, faltar para dar dinheiro a elas!— e tem aquelas que fingem ser sua colega e desvalorizam o seu trabalho, outras passam por você e viram o rosto com se tivesse nojo de você.

O relato de Darlene mostra uma situação de aprisionamento, de inibição pois não consegue sair do posicionamento de professora iniciante. Como estratégia assume a posição mais próxima do aluno, e se exclui da relação com as demais professoras:

Hoje vivendo na prática docente, me sinto frustrada não em relação aos alunos, mas na relação professor- professor, essa relação de desamor que faz com muitas vezes eu sinta vontade de desistir, porém acredito na essência humana...

A sensação de cobrança pela eficiência aparecem nesse movimento que leva o professor a sentir que sua prática está longe dos ideais pedagógicos aprendidos durante o curso. O relato de Eunice (28 anos, três de carreira) é um exemplo dessa dinâmica:

Iniciei minha carreira há pouco mais de dois anos ao ingressar como professora no último concurso e sei que tenho muito que aprender. Fico olhando o que as colegas fazem para aprender um pouco com elas que possuem paciência! Fico envergonhada com algumas coisas erradas que eu faço porque eu não tenho experiência. Tem tanta coisa para fazer que eu não sei fazer direito: diários de classe, tarjetas, relatórios então , nem se fala. Até parece que eu não aprendi nada na faculdade, mas sou esforçada. Às vezes parece que eu vou esquecer rapidamente porque é muita informação para mim. Sempre digo que estou aberta para receber informações de quem quiser me ajudar. Quero melhorar com professora porque sei que ainda não sou o que eu deveria ser.

Codo (1999) aponta que a maior concentração de profissionais descomprometidos e insatisfeitos encontra-se nos primeiros anos de trabalho. Este fator

marca a fase do professor iniciante que sente que seu ideal de profissão está fortemente ameaçado. Sua profissão, antes idealizada, cede lugar para outra realidade: sem sonhos, sem expectativas e sem os ideais anteriores. É o que encontramos nos depoimentos a seguir:

Eu não queria mais ouvir falar de planejamento de escola e fichas de avaliação, mas fazer o que não posso evitar! (Catarina).

Gosto muito de minha profissão, mas ela não me proporciona tudo o que eu sonhei. No início eu tinha uma grande convicção de que seria feliz sendo professora, mas hoje eu não sei mais.(Neide).

Os relatos acima são diferentes entre si, mas, reproduzem a desilusão com a profissão. Histórias e escolas diferentes se encontram no movimento que envolve o professor. As obrigações que não correspondem aos anseios da professora Catarina e os sonhos de profissão não realizados para Neide reproduzem este movimento de desilusão. É um movimento que provoca no professor o sentimento de que o idealizado não foi alcançado é o começo da crise.

Tal sentimento de inadequação, de insatisfação entre o que somos, o que sonhamos de melhor e nossos atos paradoxais, entre nossas inúmeras leis e uma cidadania de papel, aponta para uma invariável humana: nosso inacabamento. Não haver para nós nenhum desabrochar definitivo, nenhuma satisfação, nenhuma plenitude anunciada... (LACOMBE, 2003)

Sobre tal situação ressalta Esteve (1999, p.44) *no entanto, conforme se avança na prática docente e o professor tem de enfrentar as dificuldades reais do magistério, essa imagem ideal que o mesmo professor tem de sua profissão vai entrar em crise.*

Estes professores possuem algo em comum: estão demonstrando a partir de suas falas que o trabalho realizado é bem diferente do idealizado.

### 6.3. A experiência

A formação inicial cede lugar à outra, a da experiência adquirida no espaço escolar e novas idéias acumulam-se à experiência do professor. Passado o período da formação inicial o professor revê seus conceitos frente à dura realidade escolar.

Dejours (1994) defende que a saúde e o sofrimento mental estariam relacionados à organização do trabalho. A intervenção sobre a organização do trabalho e uma boa adaptação às necessidades em compasso com a subjetividade, poderia proporcionar a obtenção de prazer e satisfação, ao passo que uma organização do trabalho ineficiente evidencia o sofrimento mental e de doenças psicossomáticas.

Este autor coloca que: *O nível de qualificação, de formação não é, via de regra, suficiente em relação às aspirações. O sofrimento começa quando a evolução desta relação é bloqueada.* (Dejours, 1994, p.49).

Após a consolidação deste início o professor passa para a turma dos experientes. Constrói para si teias junto ao passado, encerrados em seus lamentos e crenças que aprenderam com outros professores.

Depois que eu voltei a estudar me conscientizei de várias coisas que a gente precisa mudar, mas que é impossível por causa do governo. Tinha que haver uma mudança alguém olhar pela gente. (Joana, 12 anos de carreira)

Eu queria obter ajuda e não descaso para com a profissão. Estou no começo de ano e já recebi um balde de água fria na minha criatividade. (Margot, 20 anos de carreira)

Alguns professores desenvolvem algumas estratégias para lidar com o sentimento de mal estar. Joana coloca a solução do problema fora de si, ao afirmar que é impossível por causa do governo.

A professora Margot demonstra um real sentimento de desvalorização ao se queixar que queria obter ajuda e não descaso para com a profissão de professor.

Não poder demonstrar vontade própria, ser passivo mediante os fatos, agir como os outros, sem criatividade, agir feito uma coisa e achar que os outros são também coisas também são sentimentos de desvalorização de alguém desiludido com a situação em que se encontra como Cordélia:

(...)é descaso com quem teima em continuar.É desrespeito a individualidade. Querem que os professores sejam coisas obedientes. Eu não via os fatos dessa maneira, mas agora eu vejo. O difícil é fica calada... (Cordélia, 19 anos de carreira).

Este posicionamento desiludido nos remete a Lacombe (2003 p.34) quando escreve que:

O sonho pode ser merecido, a distância entre o ideal e o vivido pode ser momentaneamente abolida, e as fadas podem dar aulas... Diante disso, não temos, ou não deveríamos ter, o direito de dar aulas monótonas, repetitivas, desiludidas, fazedoras de receitas fáceis, aulas utilitárias que anestesiam o imaginário e, portanto, todo o nosso potencial de transformação e de melhoria da realidade, produzindo repetidores de técnicas que constroem cegamente realidades cada vez mais desumanas. Continuando, desta forma, nesse processo de mecanização do ensino, talvez um dia o humano nem saiba mais que ele possui uma “fantasia” ou pior: todos fantasiarão as mesmas coisas, ditadas por uma minoria.

Atribuindo ao professor estereótipos que comprometem a sua imagem, sua ação e profissão ele adocece. Isto quer dizer, que a partir do momento que o trabalho exerce pressão psíquica sobre o sujeito, acaba por gerar sofrimento.

Diante da história humana parece imprudente escrever que poderemos almejar suprimir o descompasso entre sonhos, palavras e atos, abolir de uma vez a distância entre as leis gerais e os casos particulares, os contextos plurais de agressões. A possibilidade de conseguirmos, um dia, dialogarmos não será provavelmente nunca suficiente para apagar mágoas, dores, ódios, rancores acumulados ao longo não só de nossa trajetória individual como também de nossa memória coletiva. (LACOMBE, 2003,p.23)

O sofrimento dilacera a relação de troca entre o sujeito e o trabalho. Nesta etapa a ameaça, aparece de forma generalizada num processo intenso de despersonalização.

Gosto de trocar idéias com os meus alunos, mas acho que às vezes não tenho nada para criar de diferente e me sinto oca, sem criatividade e então eu recorro para o livro didático.(Cíntia, 20 anos de carreira).

Uma mãe me esperou dentro do estacionamento da escola para me dizer que queria as figurinhas de seu filho de volta. Pensou que eu era sua empregadinha.(Cleide, professora há 16 anos).

Já vi colegas serem agredidas por pais e mães porque os filhos levaram uma mordida de coleginhas. Só existem direitos para as crianças e pais, mas para nós só nos resta o medo.(Gladis, professora há 12 anos).

O difícil é ficar calada. Tenho que ficar calada porque senão eu terei que agüentar a cara feia dos outros, questionamentos de outros e a coroa de bode expiatório. Tenho vergonha de ter que fingir nada acontece na escola, mas já bastam os problemas pertinentes à sala de aula.(Cordélia, professora há 19 anos).

Os professores de ensino básico que me perdoem, mas nós professores de ensino médio temos uma outra realidade. Há muita violência por parte de alunos e não alunos, o que dificulta o nosso trabalho. Já tive colegas que saíram da profissão por medo e ameaça de pessoas que não queriam mudança ou informação a respeito de coisas importantes para a vida. (Luiz, professor há 20 anos).

Sentir-se oco por dentro, sentir-se pressionado pelos pais, sentir medo dos pais e dos colegas de trabalho, medo da violência que pode lhe causar dor. Tudo isso faz parte do sofrimento de professores que trabalham nas escolas públicas, foco desta pesquisa.

Os operários elaboram estratégias defensivas, de maneira que o sofrimento não é imediatamente identificável. Assim disfarçado ou mascarado, o sofrimento só pode ser revelado através de uma capa própria a cada profissão, que constitui de certa forma sua sintomatologia. ( DEJOURS, 1994, p.133-134).

Esta sintomatologia dá margens para compreendermos que esta profissão produz no sujeito um desgaste que ocorre no interior dinâmico e global do processo do trabalho, provenientes dos diversos processos adaptativos empreendidos por este. Este demonstra uma perda de capacidade laborativa, mas continua trabalhando. Infelizmente sem o cuidado adequado, desenvolve uma despersonalização que não pode ser facilmente detectada.

#### 6.4. O Final

Esta etapa remete à singularidade de cada percurso, cada caminhada. São falas de pessoas que não se conhecem e que possuem apenas uma coisa em comum: são professores readaptados<sup>1</sup>. O acesso a essas professoras deu-se através de contato com outros colegas que trabalhavam com professores readaptados. O primeiro é de Benvinda, uma professora readaptada por câncer de mama. O segundo relato é de Silvia, uma professora readaptada por voz. O terceiro relato é de Lenita, professora readaptada por transtornos mentais.

Benvinda conta a sua história.

Iniciei na Prefeitura no dia 19 de fevereiro de 1991. Mas antes disso tem uma história. Para a inscrição no concurso eu não tinha dinheiro. Precisei pegar emprestado. Eu trabalhava em uma creche e na época eu ganhava muito pouco. Fiz o concurso e passei na 1ª fase. Quando eu fui fazer a 2ª fase, prova de redação, estava tão nervosa que isso refletiu na minha letra. Eu achei horrível o modo que escrevi. Foi uma surpresa para eu ter passado. Depois do concurso, fiquei ansiosa, aguardando a chamada. Finalmente, levei títulos, etc, e fui fazer o bendito exame médico. No último exame, o de garganta, eu era a primeira a ser chamada. Ele não conseguiu fazer o exame da minha garganta porque eu tenho pavor daquele palitinho e então me encaminhou para uma endoscopia. Pode? Pode sim, tanto que eu não iniciei no cargo no tempo certo. Nem pude escolher a minha classe. A escolha foi feita pela minha diretora. Foram quatro anos na sala de aula. Peguei uma terceira série com alunos entre nove e vinte e cinco anos de idade. Esse ano foi realmente uma barra. Eu tinha

---

<sup>1</sup> Readaptado é o professor que foi afastado da docência por laudo pericial.

alunos de todos os tipos. Do quieto ao malandro, mas malandro de verdade. Mas esse foi o melhor ano que eu tive na escola. Foi o mais gratificante, pois pude trabalhar com diversas personalidades e tive o grande desafio de conhecer um pouco melhor eu mesma, meus limites e as minhas dificuldades.

O ano de 1994 foi difícil pois eu perdi meu sogro e descobri que tinha câncer de mama. O resultado foi confirmado numa 5ª feira e numa segunda feira eu estava na mesa de cirurgia...sofri uma mastectomia total do seio esquerdo . Após a readaptação fui trabalhar na secretaria. E sabe o que o readaptado faz? Atrapalha o serviço, segundo as pessoas da secretaria!! E essa opinião me deixava muito, mas muito brava! Fiquei seis meses readaptada temporariamente. Fui chamada no DEMED ( atual Desat)fazer um entrevista. Achei que ia voltar para a sala de aula mas fui informada da minha readaptação definitiva. Imaginar que eu iria passar o resto de minha vida em secretaria foi um susto. O melhor lugar para se estar é dentro da sala de aula. apesar de tudo ser importante,é lá que as coisas acontecem de verdade, onde os resultados são sentidos( os bons e os maus),onde vale a pena estar.

Há o estado de bloqueio da relação entre a qualificação e as aspirações, o que promove prejuízo à imagem de si mesmo. A partir do momento que o trabalho deixa de ter significação, o professor deixa de suportar os investimentos simbólicos e materiais destinados a ele. Dessa forma o trabalho deixa de proporcionar prazer e satisfação.

**SILVIA** ( *professora em situação de readaptação definitiva por voz após 15 anos de carreira, idade:42 ,casada, trabalha em EMEI*)

Estudos têm identificado maior presença de disfonia entre professores quando comparados a outros profissionais, fato também observado ao se estudar as categorias profissionais atendidas em serviços de reabilitação vocal. O problema de voz se soma a outros problemas vivenciados pelos professores, dificultando ainda mais o gerenciamento de seu trabalho, saúde e vida (Simões e Latorre, 2006).

Eu estou muito melhor agora, mas queria estar na escola do outro lado. É duro para mim. Minha vida mudou da água para o vinho, não imaginava que ia dar nisso.O motivo de minha readaptação foi à voz e eu tive que assumir outra função na escola. Só sabia dar aulas e trabalhar em secretaria, foi o fim para mim. Vejo as colegas cantando no pátio e penso: “bobocas parem com isso!



Ponham um CD”, mas a coordenadora pega no pé delas para cantarem até estourarem a garganta. Eu só assisto. Vou me intrometer? Nem sou funcionária desta escola. Estou temporária aqui. Não é que eu deseje isso para os outros, mas ninguém merece ficar com esse problema. Lecionei por onze anos, no entanto fiquei incapacitada na escola. Não bebo, nunca fumei em minha vida, sempre foi controlada com o uso de bebidas e sorvetes. Todo mundo pensa que quem tem problema de voz é porque gritava muito, mas no meu caso não foi. Eu não fui ensinada a usar a voz corretamente e não havia cursos para isso na faculdade de pedagogia. Há muitos professores e chefes despreparados e quem não está em sala de aula não sabe o que é isso. Há todo um ritual com a voz, mas agora para mim é tarde. Tenho uma mágoa comigo mesma, mas vou prosseguir.

A saúde vocal é considerada um aspecto importante da saúde geral e qualidade de vida do professor, pois a voz é o seu principal instrumento de trabalho e importante recurso na relação professor/alunos, com implicações relevantes no processo ensino-aprendizagem. As alterações de voz (tais como rouquidão ou disfonia, afonia, dor ao falar, cansaço ao falar, falhas na voz, falta de projeção vocal e dificuldade para falar em forte intensidade) são responsáveis por um número significativo de queixas, licenças médicas, afastamentos e readaptações funcionais, representando prejuízos para o trabalhador professor, para a comunidade escolar e toda a sociedade (Penteado, 2007).

Silvia não fala de sua profissão de professora, mas afirma que só sabia dar aulas. Ela se queixa de sua situação e durante todo o seu relato somente fala disto.

Diz que não pode falar nada para as colegas que cantam feito bobocas e ao mesmo tempo a ambivalência lhe devolve: *”vou me intrometer? Sou temporária aqui.* Ela entende sua condição como castigo e embora não tenha gritado ou feito uso de bebidas geladas e nem ser fumante, foi castigada.

Silvia, como muitos professores, demonstra dificuldades em perceber o seu processo saúde-doença e refletir sobre os sinais e sintomas vocais que apresentam. Isso pode ser indicativo de um quadro de dessensibilização ao próprio sofrimento e de deformação nas maneiras de perceber, de sentir, de interpretar, de significar e de enfrentar as experiências cotidianas – provavelmente, favorecido pela forma como o trabalho docente está organizado (Penteado, 2007).

Mais adiante, Silvia continua seu relato contando que não foi ensinada a respeito do uso correto da voz e que não havia curso para isso na faculdade de pedagogia. Sem a voz, seu corpo é ineficiente e Silvia não pode manifestar a necessidade de seu corpo.

O trabalho docente, muitas vezes, é revestido de representações que o caracterizam como sacerdócio ou missão, implicando doação, dedicação, disponibilidade, humildade, submissão, abnegação e sacrifício. Assim, frente à carga de compromissos e de responsabilidades que lhe são impostas no cotidiano, o professor, muitas vezes, prioriza o desempenho do seu trabalho, em detrimento de diversas experiências no campo da vida privada e da atenção, dedicação e cuidados com a própria saúde. Em outras palavras, muitas vezes não lhe restam tempo, energia ou oportunidades para refletir sobre seus desejos, expectativas, anseios, sonhos e projetos pessoais, nem para pensar as condições sob as quais se dá o seu trabalho, sua qualidade de vida, suas condições de saúde e os aspectos determinantes e intervenientes do seu processo saúde-doença. Então, a aparente perda de sensibilidade ao próprio sofrimento e a dificuldade de reconhecer e de identificar indicativos/sinais/sintomas de problemas vocais mais sutis poderia, aqui, ser apenas um dos componentes de um quadro mais abrangente e complexo que envolve as relações entre trabalho e saúde.

***LENITA*** ( *professora de 37 anos, casada, readaptada por problemas mentais e em processo de licença saúde* )

As condições de trabalho, ou seja, as circunstâncias sob as quais os docentes mobilizam as suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas para atingir os objetivos da produção escolar podem gerar sobreesforço ou hipersolicitação de suas funções psicofisiológicas. Se não há tempo para a recuperação, são desencadeados ou precipitados os sintomas clínicos que explicariam os índices de afastamento do trabalho por transtornos mentais (Gasparini, Barreto, Assunção, 2005)

Estou fora de sala de aula há uns quatro anos e não vou voltar mais mas já tive outros cargos na escola .Minha readaptação foi rápida é muito ruim porque na escola ninguém queria ver a minha cara lá. Parecia que eu era um bicho. Acho

que eu era levada a fazer essas coisas agressivas mas agora com tanto remédio eu nem tenho força para dizer mais nada sobre o que me incomoda.

Suas lembranças boas sumiram e cederam lugar às lembranças ruins.

As coisas não sumiram da minha cabeça e não esqueci que há muitos problemas nela e muita gente vai acabar como eu. Sabia que quando eu vou buscar o meu holerite as pessoas se escondem de mim? De medo. No começo eu achava muito bom mas agora eu acho horrível viver com isso. Vejo as ex-colegas na escola e elas abaixam a cabeças para não responder um oi. São ex-mesmo .

Lenita apresenta um relato repleto de angustia e de uma evidente depressão.

Tenho muito dó da minha família que me ajuda a continuar viva. Porque os remédios só me fazem ficar parada, sem ação. Para escrever isso eu fiquei dias. Durmo e acordo e parece que os dias não passam. Ficam uns buracos de desordem. Deve ser desordem. Vou à psiquiatra e nada melhora para mim e esses remédios acabam com o meu salário.

Os buracos de desordem são na verdade as perdas que ela tenta simbolizar aqui neste relato de uma pessoa que sente uma profunda desvalorização em ser professor ao dizer que não deseja nem ao pior inimigo a profissão de professor.

Não desejo nem para o meu pior inimigo ser professor. Vejo pessoas que eu nem via mais e elas estão melhores do que eu na aparência . Eu tô acabada e infeliz. Isso tem que melhorar a maneira da escola ser vista e trabalhada por pessoas que fazem as leis que nem sabem o que acontece com a gente. Eu queria que eles se enchessem desses remédios que eu tomo para ver o que é bom.

Ao realizar uma leitura atenta de todos os relatos necessitamos buscar um reforço teórico capazes de sustentar as categorias teóricas criadas para a leitura: a desvalorização, a cobrança excessiva e as estratégias de defesa.

Huberman(1995) que aponta as tendências gerais de ciclo de vida dos professores e definiu o ciclo em algumas fases que parecem determinantes para o professor em sua

profissão sendo estas: a entrada na carreira, a fase de estabilização, a fase de diversificação, a fase de pôr-se em questão, a fase de serenidade e distanciamento afetivo, a fase de conservantismo e lamentações e a fase de desinvestimento.

Muitos são os autores que desenvolveram pesquisas sobre a carreira docente em vários países: E.U.A (Newman, 1979; Cooper, 1982;) na Inglaterra (Macdonad e Walker, 1974) na França (Hamon e Rotman, 1984,. Em Portugal (Nóvoa e Huberman, 1974, Esteves (1999) Suíça (Perrenoud. 1999)

Huberman (1995) elaborou algumas questões para investigação sobre as tendências desenvolvidas ao longo do ciclo de vida profissional. Para o autor, a vida dos professores passa por um processo permeado por dificuldades e questionamentos sobre suas escolhas, atitudes e períodos de crise com oscilações de cargas filosóficas. Para o autor o ciclo não é apenas uma sucessão de acontecimentos sem sentido.

Canário (2006) afirma que há uma crise de identidade na docência mediante o processo de desvalorização e de cobrança excessiva no trabalho.

Segundo o autor, nos últimos trinta anos as políticas educacionais foram conduzidas de maneira autoritária baseada na metodologia vertical, que ignora o caráter do estabelecimento de ensino e onde a escola contemporânea, passou a exercer um controle sobre o proletariado, apresentando aos professores problemas cujas soluções não são fáceis.

Neste sentido, ocorre uma mutação assim que o profissional conclui sua formação profissional, quando este passa da relação de previsibilidade para uma relação de incerteza. (Canário, 2006)

O mundo certinho, previsível e estável deixa de existir. É o que relata a professora Marisa que sente a cobrança na realização de um trabalho que não reflete na prática, a teoria que aprendeu na faculdade:

““ A teoria não ensina como enfrentar as adversidades” (Marisa)

A professora Marisa também experimenta o sentimento de cobrança ao ser chamada à realidade do trabalho de uma escola pública de superlotação, revelando em seu relato ao mesmo tempo a categoria de cobrança e a estratégia de defesa:

Eu trabalhava em escola particular antes (...) Estou estranhando as salas são muito lotadas (acho que com o tempo eu acostumo com isso (Marisa)).

Podemos identificar nos seguintes relatos a cobrança excessiva de um trabalho que não oferece as melhores condições, provocando no profissional a certeza de que há uma vulnerabilidade em sua profissão que de idealizada, passou a apresentar uma realidade com o qual não sonhou:

(...). Acho que com o tempo eu acostumo com isso, mas está muito complicado, pois certamente meu trabalho este seriamente comprometido em relação as minhas próprias exigências. Sinto-me frustrada. A teoria não ensina como enfrentar estas adversidades. ( Marisa- )

(...)Na EMEI o que mais atrapalha é o número de aluno(...) É um absurdo(...)ouço tanta teoria mas ninguém me convence de que é natural você conduzir a educação de tantas crianças.( ...)Tem dia que eu chego em casa completamente zonza.( Katielem )

(..)Gosto da EMEI mas o número de alunos é muito ruim tanto para mim como para eles.(...) Ele compromete nosso trabalho e segurança das crianças. Elas se machucam e se agriem com freqüência.Depois que as coisas acontecem sempre sobra para o professor porque as mães estão interessadas nos fatos e não na professora que estava de costas atendendo outra criança( Gladis-)

(...)Fico bastante decepcionada com outras coisa: as salas superlotadas, prédios inadequados para as atividades físicas e salários baixos.( Patrícia-

(...)As maiores dificuldades encontradas ao longo desses anos são as péssimas condições de trabalho, os baixos salários( desvalorização) e a jornada dupla, sendo que

esses últimos influem diretamente na qualidade de vida que por sua vez afeta o trabalho pois somos um todo, pessoal e profissional.(...) Salas superlotadas, crianças desestruturadas, pouco ou nenhum recurso didático, falta de especialistas( fono, psico entre outros)que poderiam ser um auxílio, sem mencionar a falta de coleguismo e de capacitações de qualidade.( Arminda)

Outra professora chega a relatar o reflexo da sobrecarga proveniente de um passado de cobrança na realização de um bom trabalho, como o caso da professora Maria Edite, que relata detalhes da rotina mecanizada do seu cotidiano de professora de educação infantil e que agora encontra-se readaptada:

(...)Iniciei minha carreira em creche e desde o início eu carregava crianças no colo.Tive um filho só mas ele ficou pouco no meu colo porque eu trabalho o dia inteiro. Vida de professor né! Depois eu passei em outro concurso, mas nada mudou no trabalho com criança. Eu continuei abaixando para amarrar sapato, pegando os chorões no colo, apontando lápis feito uma máquina, escrevendo na lousa, preenchendo relatórios, passando lição em caderno de criança, descascando fruta, recortando papeis então nem se fala! Depois vieram as dores e eu disfarçava com um monte de analgésico (Maria Edite-)

Segundo Nóvoa, as relações humanas são determinantes no grau de aprendizagem que é obtida inicialmente na infância com a família e depois em outros meios culturais e sociais como a escola. (1999).

São nestes espaços que o professor, aprende a exercitar sua liberdade de expressão, interagir e desenvolver reações frente às experiências de aprendizagem no trabalho.

Partindo de um pressuposto de que o professor passa por um período de formação, onde realiza suas leituras particulares do mundo, e passa a reagir a partir de seus entendimentos construídos em seu cotidiano, também observamos o cotidiano escolar a partir do conhecimento crítico de Lefebvre (1991) que considera a realidade social como o espaço no qual se concretizam as transformações através da ação do

homem, e neste espaço, a escola como instituição ocupa lugar privilegiado.

Segundo Lefebvre(1980), devido às condições históricas, em que o trabalho é realizado, de forma repetitiva, homogênea, seriada em massa, o trabalhador, de um modo geral, vai tornando-se um sujeito separado de suas atividades e acaba destruído no processo de produção; enfim, como homem que pensa e age, ele é consumido na realidade das forças produtivas, sendo reduzido ao nível de objeto e à classe que detém o poder e o saber, expropriam do homem suas obras e seus produtos, conservando apenas” certos mínimos do sujeito, para que possa continuar produzindo( Martinez, 2001).

A professora Maria Edite, sente que o fato de ter realizado as suas atividades da maneira relatada, tenha adoecido pela sobrecarga do trabalho.

Ao mesmo tempo em que ela sente o reflexo desta sobrecarga, percebe também a questão do gênero no trabalho, ter sido objeto de uma educação para ser uma mulher invencível.

(...) Não tenho mais saudade da fase que era professora porque o tempo se encarregou de acabar com isso. Passei quase trinta anos lecionando e nada mudou. Eu deveria ter feito outra coisa além de ficar em sala de aula e por isso eu piorei. Espero que meu relato sirva de alerta para que as professoras não fiquem carregando tanto peso que nem eu, abaixando e fazendo de conta que seu corpo é invencível. Tem que se cuidar e se poupar. Nós mulheres somos educadas para sermos auto suficientes, super mulheres e depois tardiamente percebemos o quanto fomos indisciplinadas com a nossa saúde. Nunca imaginei que iria ficar com seqüelas em toda a parte do corpo. Tomo medicamentos de uso contínuo para não sentir tanta dor e faço fisioterapia, mas na minha idade não tem mais jeito para ficar melhor que isso. ( Maria Edite)

Mais adiante ela também aponta o sentimento de desvalorização de sua profissão de professora.

(...) Eu gostei de ser professora quando era mais jovem, mas agora nem quero mais me lembrar desse tempo. Não há propostas de ajuda ao profissional nas escolas, nos cursos de magistério e nem em nenhum lugar. Eu nunca vi e se alguém disser que tem na escola está mentindo descaradamente. É muito fácil dizer o que é certo depois

que a gente se prejudicou. Com a minha idade posso dizer que já vi muitas injustiças contra o professor na escola. Carregamos o peso da responsabilidade nas costas sim (Maria Edite)

Desde o início de sua aprendizagem no trabalho, uma dinâmica exige do professor uma adaptação contínua, mas que nem sempre é percebida por ele.

Ele recebe encargos, mudanças em sua rotina e às vezes não percebe que o exercício da reflexão de sua prática e em seu modo de relacionar-se com o outro está diretamente ligado às crenças e principalmente a imagem de si que ele desenvolve, mediante modelos e influências.

Segundo Oliveira (2003), o professor vê-se muitas vezes diante de variadas funções onde tem que assumir diversos papéis que estão além da sua formação. Muitas vezes esses profissionais são obrigados a desempenhar as funções de enfermeiro, psicólogo, entre outras. Tais exigências contribuem para a perda da identidade profissional, da constatação de que ensinar não é o mais importante.

Neste sentido, muitas vezes o professor tenta sobreviver ao início de carreira.

A primeira etapa de carreira, com duração de aproximadamente cinco anos, que segundo Huberman (1995) é o início ou entrada na carreira, que é caracterizada por dois estágios sendo o primeiro de “sobrevivência” e o segundo o de descoberta. Este período as relações que o professor estabelece em seu trabalho são sentidas pelo professor iniciante como uma espécie de experimentação, por sentir-se colega num determinado corpo profissional (Huberman, 1995).

(...) O que acontece que essa mulher existe.” Nunca mais eu vi a Débora porque trabalhamos muito. Aprendi uma lição com ela e nunca irei fazer o que os outros fazem. Eu estou muito nova no magistério, mas já sei que é diferente daquela época e eu estou estudando na faculdade e estou bem mais tranqüila mais eu nunca farei com ninguém aquilo. Ainda vejo muitas professoras agindo assim. Algumas são horrorosas e outras são especiais como a Débora que me ensinou a não desistir. (Gabriela).



Para Huberman, o professor inicia sua carreira vivendo momentos de explorações, descobertas e de sobrevivência. E muitos desenvolvem a percepção de serem ignoradas, elas não se sentem como parte de um grupo. Sentem o peso da desvalorização sentida no relacionamento com o grupo. É o que aconteceu com a professora Darlene:

(...) Hoje, vivendo na prática docente, me sinto frustrada não em relação aos alunos, mas na relação professor-professor, essa relação de desamor que faz com que muitas vezes eu sinta vontade de desistir, porém acredito na essência humana. ( Darlene)

O aspecto da subjetividade é determinante para que o professor possa realizar bem o seu trabalho, num ambiente onde as relações humanas sejam dinâmicas e com uma produção rica de sentidos.

O sofrimento muitas vezes guia o trabalhador para a valorização de imagens, crenças e vivências negativas, adquiridas no espaço de relação.

No entanto, uma organização capaz de compartilhar as relações afetivas e profissionais de seus trabalhadores certamente deve consideração do lado subjetivo de cada pessoa que vive em processo de permanente influência.

Para a professora Darlene resta se queixar dos colegas. Sua queixa não encontrou ainda um espaço de escuta na instituição escolar:

Em minha trajetória docente já escutei de tudo, como por exemplo: ”- essas professoras eventuais são mortas de fome!— eu hein, faltar para dar dinheiro a elas!”

E tem aquelas que fingem ser sua colega e desvalorizam o seu trabalho, outras passam por você e viram o rosto com se tivesse nojo de você. ( Darlene).

Alguns trechos dos relatos também apresentam a preocupação que o professor tem com as condições em que seu trabalho é realizado que é bastante distante do idealizado, e podem ser comparadas as outras situações de professores que tenham enfrentado problemas semelhantes em outra época histórica do país.

Um exemplo foi à história da alemã Ina Von Binzer, de apenas 22 anos, que aportou no Brasil no ano de 1881, a fim de lecionar para filhos de fazendeiros.

Ela veio para o Brasil motivada por uma professora experiente.

Após sete meses, Binzer abandonou o trabalho por recomendação médica, mas sentiu na pele a desvalorização de seu trabalho, cobrança excessiva consigo mesma.

Sua história chama a nossa atenção pelo fato de ter escrito cartas que mais tarde foram publicadas no livro sob o título “Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil”.

Os trechos seguintes do mesmo livro revelam as condições de trabalho e as concepções teóricas opostas à realidade vivida à época pela professora Ina:

(...) Aqui, as aulas são das sete às dez; depois vem o almoço quente, pelo qual Madame Rameiro nos faz esperar inutilmente até às dez e meia, de maneira que não posso mais sair, porque, logo após o último bocado, tenho de voltar às aulas. Prosseguimos até a uma hora, quando temos então trinta minutos para o lanche; a uma e meia começam as aulas de piano que vão até as cinco, quando servem o jantar. Pergunto-lhe eu: quando poderei passear antes das seis? [...] Eles querem engolir cultura às colheradas e nunca têm uma tarde livre, um dia. desocupado, nem muito menos uma semana de férias durante todo o ano (p. 31).  
 (...) Como as horas se arrastam, como tudo me parece pesado! As crianças são travessas [...] a casa inteira é barulhenta [p.56]  
 (...) Não consigo habituar-me a este ensino superficial! [...] A respeito da disciplina, então! Só essa palavra já me faz subir o sangue à cabeça. Imagine isso: outro dia, ao entrar na classe, achei-a muito irrequieta e barulhenta e na minha confusão recorri ao Bormann. Quando obtive silêncio para poder ser ouvida, ordenei: “Levantar, sentar”, cinco vezes seguidas, o que no nosso país nunca deixa de ser considerado vergonhoso para uma classe. Mas, aqui – Oh! Santa Simplicitas! –, Quando cheguei a fazer-lhes compreender o que delas esperava, as crianças estavam tão longe de imaginar que aquilo representasse um castigo, que julgaram tratar-se de uma boa brincadeira [...] Grete, desde então o Bormann está definitivamente descartado, para mim aqui no Brasil (p. 87).

Huberman(1999) aponta a falta de apoio, instabilidade profissional e isolamento como a causa dos problemas sentidos pelos professores iniciantes.

Para Canário(2006)o professor que tem a missão difícil de cumprir,manifesta no trabalho o sofrimento que o atinge de uma forma particular que perde autonomia e controle do processo de seu próprio trabalho.

Para Perrenoud( 2000), cada professor um aborda um conflito com sua própria identidade, que depende de seu desenvolvimento pessoal, ou seja de sua história pessoal e de sua formação. Cada professor enfrenta de uma maneira os conflitos encontrados desenvolvendo estratégias de acordo com a sua competência.

Huberman(1999) ressalta que a descoberta e até mesmo a sobrevivência coexistem no mesmo espaço de construção profissional do professor iniciante,que segundo o autor,somente conseguirá enfrentar as dificuldades do período com sucesso se o início for globalmente positivo.

Esteve( 1999) aponta a necessidade do cuidado com os conteúdos logo na formação inicial que é recheado de prescrições para o sucesso do bom professor :

“De fato os enfoques normativos implicam a suposição de que o professor é o único e pessoalmente responsável pela eficácia docente, já que se estabelece uma relação direta entre a personalidade do professor e o êxito no magistério. Subtende-se, portanto, que não se obtém êxito no magistério, é porque o professor não serve, porque não é bom professor.”(1999:p.125).

Esteve( 1999) alerta que o professor formado pelo enfoque normativo costuma se culpar desde os seus primeiros enfrentamentos com a realidade do magistério,porque em muito pouco tempo acaba descobrindo que sua personalidade possui limitações que não se encaixam no modelo de professor ideal, com o qual se identificou na época de formação.

E então a crise instaurada pela crença na desvalorização de saberes acadêmicos sentidos como ineficientes, reproduzem no professor uma auto –estima rebaixada, medo, vergonha de não saber,estresse, durante o processo de construção da identidade profissional que por ora, vê-se ameaçada e muitos professores passam pela dúvida se escolheram a profissão certa.

É o que acontece com a professora Eunice:

(...)Fico envergonhada com algumas coisas erradas que eu faço porque eu não tenho experiência. Tem tanta coisa para fazer que eu não sei fazer direito: diários de classe, tarjetas, relatórios então , nem se fala. Até parece que eu não aprendi nada na faculdade mas sou esforçada. As vezes

parece que eu vou esquecer tudo de uma vez porque é muita informação ara mim. Sempre digo que estou aberta para receber informações de quem quiser me ajudar. Quero melhorar com professora porque sei que ainda não sou o que eu deveria ser.( Eunice)

A este respeito Perrenoud(1999) adverte que é preciso transformar a formação dos docentes:

(...)a maioria dos docentes foi formada por uma escola centrada nos conhecimentos e sente-se a vontade nesse modelo(...) a revolução das competências só acontecerá durante a sua formação profissional se os futuros docentes experimentarem-na pessoalmente(...)esse é a prazo, o futuro da formação inicial( ...) se ela conseguir construir uma verdadeira articulação entre teoria e prática(Perrenoud,1999,p.82):

Segundo Huberman(1999) agüentar e sobreviver na carreira são garantidos pelas descobertas que podem ser “fáceis” ou “problemáticas.”

É o caso da professora Luiz que mesmo após vinte anos de carreira, aponta os problemas causados pela realidade da violência na escola:

(...)Gostaria de afirmar que ser professor é satisfatório e que nunca temos que nos preocupar com humilhação ou medo de ser demitido mas isto é uma inverdade. Sou efetivo mas nossa profissão é muito desgastante a nível de trabalho.

Os professores de ensino básico que me perdoem mas nós professores de ensino médio temos uma outra realidade. Há muita violência por parte de alunos e não alunos, o que dificulta o nosso trabalho. Já tive colegas que saíram da profissão por medo e ameaça de pessoas que não queriam mudança ou informação a respeito de coisas importantes para a vida. Mas não é só esse problema que incomoda. As relações pessoais na escola são bastante superficiais e isto impede que um projeto político tenha sucesso.( Luiz)

Para Perrenoud.:

(...) somente professores isolados numa zona muito protegida, tendo decidido não refletir sobre todas essas questões, ou animados por uma fé ingênua, podem julgar que o caminho está todo traçado (Perrenoud,1999,p.154.)

Neste sentido, Esteve(1999) aponta a necessidade do auto questionamento do professor, de profunda reflexão, pois as condições fragmentadas de sua formação e de seu trabalho não colaboram em nada para o desenvolvimento do potencial reflexivo. Instaura-se o conflito que requer a urgência de um espaço de escuta e de mediação. O tempo passa para o professor que permanece em sofrimento e sem condições para desenvolver -se melhor no plano relacional e organizacional.

Deste modo, Esteve afirma:

(...) quando os professores se deparam com suas primeiras limitações e fracassos, questionam a sua atuação, mas não começam ao menos desde o princípio, a questionar-se a si mesmos. ( Esteve. 1999,p.127)

CODO (1999) aponta que a maior concentração de profissionais insatisfeitos encontra-se nos primeiros anos de trabalho. Este fator marca a fase do professor iniciante que sente que seu ideal de profissão está fortemente ameaçado. Sua profissão, antes idealizada, cede lugar para outra realidade: sem sonhos, sem expectativas e sem os ideais anteriores.

Para o autor a crescente desvalorização e a cobrança no trabalho, levam o professor a uma despersonalização.

Poderemos constatar também através da leitura dos trechos seguintes o mundo das relações em que o professor está inserido e conhecer algumas experiências que são vividas no âmbito das relações e como ocorre o processo de homogeneização do trabalho.

A partir do momento que ocorre a homogeneização do trabalho do professor , reduz-se a capacidade de subjetividade e até mesmo da individualidade da pessoa do professor. Há uma dificuldade em refletir sobre sua atuação frente aos problemas.

Sua força de trabalho às vezes é levada à exaustão, pois ao vestir a camisa da instituição, fazer parte do proletariado, internaliza a disciplina, as regras, a dinâmica do local onde leciona, acreditando que tudo será como planejou mas percebe, com o passar do tempo que não acontece nada como planejou mesmo que tenha se curvado as pressões do trabalho.

Seu corpo sofre a pressão da cobrança excessiva e acaba transmitindo até para o lado pessoal junto a sua família. É o que acontece com a professora que desenvolve a estratégia de buscar apoio na execução de tarefas:

(...) As vezes meu marido me pergunta se eu estou ali mesmo porque eu não presto atenção nele quando fala e que amo mais a escola do que o meu lar. Meus filhos nem ligam mais, já se acostumaram a ver a mãe preparando atividades para os alunos e arrumando relatórios. Já aprenderam a me ajudar a arrumar pastas de atividades. Eles entenderam que tinham de arrumar um jeito de fazer parte de meus deveres.

Não posso reclamar de meu marido que apesar de ter outra profissão (advogado) até brinquedos de dia da criança ele já foi comprar para meus alunos e muito mais.

Gostaria de poder trabalhar com um número menor de crianças.

Elaboro muitas atividades legais e sou bastante popular entre eles mas tem dia que minhas atividades são um fracasso. Não me ensinaram a lidar com esse problema e outros que aparecem no decorrer da carreira.( Katielem)

(...)Passaram-se os anos e eu aprendi com é difícil manter o equilíbrio e sensatez na hora de julgar as situações que eu vivencio e deixar na escola os problemas que eu vivo lá. As vezes meu marido e meus filhos me repreendem, fartos de minhas reclamações. Quando eu menos espero, já estou lá de novo me lamentando das dificuldades ou das coisas que acontecem na escola. Eles não entendem que eu não tenho para quem desabafar mas entendo que eles não tem culpa.( Neide)

Ao começar então a tecer estratégias de trabalho que também são sentidas nas relações com o mundo que o cerca, o professor sofre uma contradição afetando a sua subjetividade, sua relação com o mundo e sua identidade:

(...)Querem que os professores sejam “coisas obedientes”. Eu não via os fatos dessa maneira mas agora eu vejo.

O difícil é ficar calada. Tenho que ficar calada porque senão eu terei que agüentar a cara feia dos outros ,questionamentos de outros e receber a coroa de bode expiatório( Cordélia)

A contínua comparação entre sua prática pedagógica, seus ideais e sua atual condição de trabalho, levará o profissional a desenvolver esquemas de ansiedade quando o professor reage, querendo compensar com seu esforço pessoal as dificuldades do magistério.

Surge então a descrença sobre a sua função docente( contestação e contradições) e um provável arranhamento da imagem de profissão.

E como diz Esteve, a imagem do professor que sofre o mal estar é uma imagem torrada.

Estes professores possuem algo em comum: estão demonstrando a partir de suas falas que o trabalho realizado é bem diferente do idealizado.

Não podemos deixar de perceber que o sentimento de bem estar e de mal estar coexistem e que infelizmente nem todos os professores desenvolvem condições subjetivas para enfrentar os sentimentos de mal estar na escola.

Perrenoud(2001) alerta que a formação de profissionais deveria ser abordagem central da maior parte dos programas e dos dispositivos de formação continuada.

Para Perrenoud,(2001)a tomada de consciência depende da construção de um “saber analisar”, transponível a diversas situações, mas também de um” querer analisar”, de uma disposição para a lucidez, da coragem de cutucar a ferida. Faz-se necessário que os formadores de professores, também apresentem o mesmo grau de intensidade e freqüência.

Não podemos deixar de observar que há trechos de relatos de professores que revelam sentimentos de satisfação e bem estar na carreira, o que revela que mesmo mediante

as dificuldades da docência procuram estar bem em sua profissão, buscam desafios e relatam momentos de satisfação:

(...)Eu gosto muito de ser professora. Não pretendia seguir esta carreira, mas ela se revelou aos poucos para mim. Fui trabalhar como professora depois de trinta anos de idade, mas depois não quis mais sair. Apaixonei-me por esta profissão e não me arrependo desta escolha.( Benedita)

(...)Eu nunca me arrependi de ficar em sala de aula e já tive convites para sair.

Eu não sei se é certo dizer que a gente sofre mas é feliz. Adoro criança e não trocaria nenhuma por nenhum adulto problemático. ( Katielem)

(...)Nossa profissão e cada ação têm uma função no ato de ser professor.

(...). Foi todo um trabalho que valeu a pena.( Patrícia)

(...)Sendo assim, quando um aluno de fato aprende, posso dizer que sinto-me realizada e contente e afinal a minha função é essa!!!( Arminda)

(...)Apesar do trabalho que é muito , a escola de educação infantil é mais humana. É mais próxima das pessoas. Todo mundo é mais unido. Foi um período muito bom.(. Benvinda)

(...)a Débora que me ensinou a não desistir ( Gabriela)

(...)Nossa profissão é muito boa desde que tenhamos materiais para trabalhar e espaços adequados.Eu me lembro de quase todos os campeonatos que eu conduzi e dos passeios esportivos. Tenho muitas lembranças boas e poucas ruins.( Walter)

(...)Mas vou deixar o passado para trás e contar a você como é bom trabalhar nesta escola que estou. Posso elaborar planos com meus colegas e andar no estacionamento com tranquilidade. As vezes até saímos para comprar lanche na padaria no recreio. Parece uma bobagem mas hoje eu estou em paz.( Adriana)

(...)quando um aluno de fato aprende, posso dizer que sinto-me realizada e contente e afinal a minha função é essa!!!

Considero a minha profissão um bem público e tenho certeza que contribuo para construir um mundo melhor( Arminda)

(...)eu gosto muito de ser professora. Não pretendia seguir esta carreira, mas ela se revelou aos poucos para mim. Fui trabalhar como professora depois de trinta anos de



idade mas depois não quis mais sair. Apaixonei-me por esta profissão e não me arrependo desta escolha (Benedita)

(...)Eu quero ser este que desafia a dificuldade, que afronta a exclusão repleta de barreiras que atinge a minha prática dia a dia. Eu sofro também, não sou insensível não! Mas é preciso andar para frente que atrás vem gente. É impossível olhar essas crianças e não saber o que queremos para nós juntos.(Matilda)

## **Considerações finais**

Com esta pesquisa procurou-se compreender a questão da saúde do professor, buscando relacioná-la à sua vida profissional. Para tal, entrevistamos 34 professores da rede municipal de São Paulo. A análise das entrevistas foi organizada em quatro momentos da vida profissional: o estágio, o início de carreira, a experiência e o final de carreira.

Em cada uma destas etapas foram identificadas três categorias que emergiram enquanto sintomas prejudiciais a saúde : exaustão emocional,despersonalização e diminuição da realização pessoal no trabalho.

Verificou-se que o processo de trabalho e de gestão em educação, transformou-se profundamente nas últimas décadas, com claras repercussões nas condições de trabalho, na imagem social do professor e no valor que a sociedade atribui a própria educação.

Estes aspectos parecem ter repercussões importantes sobre a saúde física e mental dos professores. Entretanto. O que ocorre com os professores não pode ser desvinculado dos vários aspectos sociais ligados ao trabalho em geral e que têm contribuído para elevar a carga de morbidade em trabalhadores.

Os resultados encontrados indicam que a profissão docente exige conhecimentos que vão além daqueles adquiridos durante a formação.

Indica, também, que o processo saúde-doença é construído no trabalho, espaço de construção da história individual e de identidade social.

Em suma, o presente trabalho contribuiu para destacar a necessidade de atenção às condições de trabalho e saúde dos professores. Além disso, sugere-se a discussão de políticas públicas que considerem a saúde do professor como aspecto fundamental para a qualidade da educação.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, T. M.; Sena, I. P.; Viana, M. A.; Araújo, E. M.. Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. *Revista baiana de saúde pública*. 29(1):6-21, 2005.
- BARBALHO, L.; SILVA, Manuela O. Docência e exaustão emocional. *Educação e Sociedade*. v. 27, n. 94, p. 229-253, 2006.
- BARDIN, L. *A análise de conteúdo*. Editora 70, 1977
- CAIRES, S. *Vivências e percepções do estágio no ensino superior*. Braga: Universidade do Minho, Grupo de Missão para a Qualidade do Ensino/Aprendizagem -Apontamentos UM, 2001.
- CAIRES, S. *Vivências e percepções do estágio pedagógico: a perspectiva dos estagiários da Universidade do Minho*. Tese de Doutorado. Braga: Universidade do Minho - Instituto de Educação e Psicologia, 2003.
- CARLOTTO, M. S.; PALAZZO, L. dos S. Síndrome de Burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 1017-1026, 2006
- CARLOTTO, M.S.; Câmara, S. G. Análise da produção científica sobre a Síndrome de Burnout no Brasil. *Psico*, v. 39, n. 2, pp. 152-158, abr./jun. 2008
- CODO, W. *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes; CNTE, 1999.
- COSTA, S. S. G.. De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo). *Educação e Sociedade*, v. 26, n. 93, pp. 1257-1272, 2005 .
- DICK, R.; WAGNER, U. Stress and strain in teaching: a structural equation approach. *British Journal of Educational Psychology*, Edinburg, v. 71, p. 243-259, 2001.
- DEJOURS, C. Itinerário teórico em Psicopatologia do Trabalho. In: *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho* (M.I.S. Betiol, org.), pp. 119-145. São Paulo: Atlas, 1994.
- EDUARDO, J. F.; Reis, B. ; Araújo, T.M. Carvalho, F.M. ; Barbalho, L.; Silva, M.O. Docência e exaustão emocional. *Educação e Sociedade*. 2006, vol. 27, no. 94, pp. 229-253.

- ENQUITA, M.F. (1989). *A face oculta da escola. Educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ELVIRA, J. A. M., & Cabrera, J. H. (2004). Estrés y *burnout* en profesores. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 2004, 4, 3, 597-621.
- Esteve, J..M. (1999). *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC.
- ESTEVE, J. M. *O Mal-Estar docente*. Lisboa: Escher, Fim de Século, 1992.
- FREUDENBERGER, H.J. Staff Burnout. *Jornual of Social Issues*, 30, 159-165, 1974
- Friesen, D. & Sarros, J.C. (1989). Sources of Burnout among educators. *Journal of Organizational Behavior*, 10, 2, 179-189.
- GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNCAO, A. Á. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, pp. 189-199, 2005 .
- GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNCAO, A. Á.. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, pp. 2679-2691, 2006 .
- GRIFFITH, J.; STEPTOE, A.; CROPLEY, M. An investigating of coping strategies associated with job stress in teachers. *British Journal of Educational Psychology*, Edinburg, v. 64, p. 517-531, 1999.
- GOMES, L.; BRITO, J.. Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. *Estudos e pesquisa em psicologia*, jun. 2006, vol.6, no.1, p.49-62.
- GOMES, A. Rui; SILVA, M.J.; MORISCO, S.; SILVA, S.; MOTA, A.; MONTENEGRO, N.. Problemas e desafios no exercício da actividade docente: um estudo sobre o stresse, “Burnout”, saúde física e satisfação profissional em professores do 3º ciclo e ensino secundário. *Revista Portuguesa de Educação*. Braga, v. 19, n. 1, p. 67-93, 2006.
- JACOBSSON, C. et al. Managing stress and feelings of mastery among Sweden comprehensive school teachers. *Scandinavian Journal of Educational Research*, Ajingdon, v. 45, n. 1, p. 37-53, mar. 2001.
- KRENTZ, L. Magistério: vocação ou profissão? *Educação em Revista*, 1986, 3, 12-16.
- LACOMBE, M. G.M. *Os descolecionadores : uma pedagogia do risco*. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, 2003.
- LECOMPTE, M.; DWORKIN, A. *Giving up on school: students dropouts and the teacher Burnouts*. Newbury Park: Corwin Press, 1991.

MALGLAIVE, G.. Formação e saberes profissionais: entre a teoria e a prática. In: CANÁRIO, R. (Org.). *Formação e situações de trabalho*. Porto: Porto Editora, 1997, p. 53-60.

MANCEBO, D.. Agenda de pesquisa e opções teórico-metodológicas nas investigações sobre trabalho docente. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 99, pp. 466-482 , Aug. 2007 .

MASLACH, C.; SCHAUFELI, W.B. & LEITER, M. P. Job Burnout. *Annual Review Psychology*, 52, 397-422. (2001).

MASLACH, C. & Leiter, M. P. (1999). Take this job and ...love it. *Psychology Today*, 32, 50-57, 1999.

MERAZZI, C. Apprende à vivre les conflits: une tâche de la formation des enseignants. *European Journal of Teacher Education*. 6, 2, 101-106. (1983).

MOURA, E.P.G. *Saúde mental e trabalho: esgotamento profissional em professores de rede de ensino particular de Pelótas* — RS Porto Alegre: PUCRG Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, 1997

PENTEADO, R. Z.. Relações entre saúde e trabalho docente: percepções de professores sobre saúde vocal. *Revista da sociedade brasileira de fonoaudiologia*. 2007, vol.12, n.1, pp. 18-22 .

PERRENOUD, P. (1993). *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas*. Lisboa: D.Quixote.

REIS, E. J. F. B.; ARAÚJO, T. M.; CARVALHO, F. M.; BARBALHO, L.; SILVA, M. O. *Docência e exaustão emocional*. Educação e Sociedade. Campinas, v. 27, n. 94, p. 229-253, 2006.

RYAN, G., Toohey, S., & Hughes, C. The purpose, value and structure of the practicum in the Higher Education: A literature review. *Higher Education*, 31, 355-377. (1996).

RUDOW, B.(1999). Stress and *Burnout* in the teaching profession: european studies, issues, and research perspectives. Em Vanderbergue, R. & Huberman, M. A. (Eds.), *Understanding and preventing teacher Burnout: a source book of international practice and research* (pp.38-58). Cambridge: Cambridge University Press.

SANTINI, J.; MOLINA NETO, V.. *A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. São Paulo, v.19, n.3, p. 209-222, jul./set., 2005.

SCHERER, C. G. Estresse e estratégias de enfrentamento em professores universitários. Dissertação de mestrado (não publicada) Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

Seegers, G. & Van Elderen, T. Examining a model of stress reactions of bank directors. *European Journal of Psychological Assessment*, V.12, n.3, p. 212-223, 1996.

SILVANY-NETO, A.M.; Araújo, T. M.; Dutra, F.R.; Azi, G.R.; Alves, R.L., Kavalkievicz, C.; Reis. E.J.F.B. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino na Bahia. *Revista Baiana de Saúde Pública*, Salvador, v. 24, n. 3/4, p. 42-56, 2000.

SIMOES, M. e LATORRE, M. R. D. O. Prevalência de alteração vocal em educadoras e sua relação com a auto-percepção. *Revista de Saúde Pública*, 2006, vol.40, n.6 pp. 1013-1018 .

TARIS, T.W., SCHREURS, P.J.G., PEETERS, M.C.W., LE BLANC, P.M. & SCHAUFELI, W.B. From inequity to Burnout the role of job stress. *Journal of Occupational Health Psychology*, Florida, v. 4, n. 4, p. 303-323, 2001.

VANDENBERGHE, R. & HUBERMAN, A. M. (1999). *Understanding and preventing teacher Burnout: a source book of international practice and research*. Cambridge: Cambridge University Press.

**ANEXOS**

## **RELATOS DE PROFESSORES**

### **1-Sonia (idade: 52 diretora da rede estadual há 20 anos com acúmulo de cargo em EMEI)**

Eu fiquei muito tempo pensando no que escrever neste relato e pensei em contar toda a minha vida na escola. É muita coisa e nem tudo eu gostaria de relembrar pois estou a véspera de me aposentar. Na escola eu já fui secretária, professora e atualmente sou diretora. Estou muito cansada de comandar esta escola muito grande para mim sozinha. Nem todos os que me cercam são eficientes e tudo sobra nas minhas costas. Eu estou naquela fase em que as pessoas me irritam o tempo todo mas eu faço de conta que eu não escuto. Ser diretora não foi tudo o que eu queria para minha vida mas a vida financeira não permitiu que eu desse passos mais longos. Ser professora foi uma carreira muito curta e fiquei pouco tempo nela e logo passei no concurso e fui ser diretora. O tempo passou mas eu ainda não me acostumei com o descaso das pessoas com a escola pública. Há muito o que se fazer nela e as pessoas que estão dentro dela não são as mesmas de antes. Acho que tudo é muito difícil para lidar mas a relação com as pessoas é que me incomoda pois não conseguimos agradar todo mundo. Estou mesmo querendo me aposentar e sumir desse negócio de Educação.

### **2- Nair ( idade:35 ,professora que abandonou a carreira na escola pública )**

Quando você me pediu o relato fiquei bastante preocupada com o que eu deveria escrever, pois eu não conseguia me lembrar de nada de bom. Eu passei várias semanas pensando no que escrever e nada vinha na minha cabeça. Tenho que escrever algo de bom pois eu fiquei doze anos da minha vida trabalhando na rede pública . É verdade que quando tive oportunidade, saí da sala de aula e fui trabalhar na diretoria de ensino. Quando mudou a administração política eu me vi obrigada a voltar a



lecionar mas eu percebi logo que nada havia melhorado na escola pública. Me desentedia com a diretora, me revoltava com as propostas mentirosas de trabalho e projeto político pedagógico que nunca saíam do papel, as HTP's coletivas que eram muito ruins e passei a faltar mais e as JEIS que eram insuportáveis. Paralelo a isso eu fazia outro curso e continuava minha vida discretamente porque na escola pública não há espaço para progredir. Pelo menos para concepção de vida que eu tenho não há mesmo. Minhas poucas colegas me diziam que eu deveria pensar mais para pedir a exoneração porque eu era efetiva, mas eu não agüentava mais aquela situação. Depois que eu saí de lá, senti um enorme alívio. Arrumei outro emprego na área de coordenação de projetos numa conceituada escola particular, onde permaneço até hoje. Eu me liberei de um peso que eu não precisava carregar. Eu me lembro de uns poucos alunos que eu conheci que foram bons para mim e que faziam – me sentir bem com eles e só. Não fiz e nem tenho mais amizade com nenhuma professora de rede pública e nem quero lembrar de ninguém mais de lá e me sinto mal em ouvir histórias relacionadas a ela. Se paga muito mal na escola pública e não há profissionais (diretores, coordenadores) preparados para lidar com nossos conflitos internos. Há sim muitas pessoas dispostas a deixar você bastante desinteressado, decepcionado, triste e deprimido para que você nunca realize nada de bom para aquelas crianças necessitadas porque eu sei que elas precisam muito. As vezes eu fico pensando como é que eu consegui permanecer tanto tempo fazendo isto comigo: me destruindo. Não posso deixar de relatar que eu assisti muitos colegas serem massacrados como eu e que não puderam sair porque precisam daquele emprego. Eu sinto pena de algumas pessoas que ficaram lá. São pessoas boas de trabalhar, com grande potencial mas estão condenadas a fracassarem. O tempo vai passar e elas só irão perceber o tempo que perderam tarde demais. Não acredito mais na rede pública.

### **3- Catarina (idade: 27, professora há cinco anos de EMEF)**

Eu gosto de ser professora, mas fico sempre muito cansada. Tenho percebido que mesmo após as férias eu ainda estou muito cansada. Cheguei à escola e começou o planejamento e eu queria ir embora. Ainda estou sem paciência para ouvir balela. Queria era estar ainda na praia do Nordeste nadando na água límpida com meu marido.

É um contraste isto. Eu estava tão tranqüila lá que eu não queria mais voltar para São Paulo, mas tenho que voltar ao normal. Eu tento disfarçar, mas era isso que eu queria mesmo. Eu não queria mais ouvir falar em planejamento de escola e fichas de avaliação, mas fazer o quê né. Eu não tenho mais nada para dizer.

#### **4- Marisa (idade: 25, professora há três anos de EMEI)**

Eu trabalhava em escola particular antes de passar no concurso mas eu preferi ter emprego garantido para minha vida. Estou estranhando um pouco pois as salas são muito lotadas. Veja só, 40 alunos de 5 anos. Na escola particular eu era coordenadora pedagógica e não tinha alunos. Mas de qualquer forma as salas de aulas eram bastante adequadas em sua formação. Fiz boas amizades aqui e a coordenadora é bacana. O ambiente é aconchegante, o que compensa a situação desagradável de sala lotada. Acho que com o tempo eu acostumo com isso, mas está muito complicado, pois certamente meu trabalho esta seriamente comprometido em relação as minhas próprias exigências. Sinto-me frustrada. A teoria não ensina como enfrentar estas adversidades.

#### **5- Cassia (idade: 39, professora que retomou a carreira após treze anos em EMEF).**

Estive afastada da escola por quase treze anos. Sou psicóloga de formação e trabalhei muitos anos em empresa como treinadora e selecionadora. Após meus três filhos nascerem precisei abandonar o trabalho. Não foi fácil ficar em casa mas depois me acostumei . Meus filhos cresceram e já estão na escola agora. No ano de 2000 meu marido foi promovido de emprego e tivemos que mudar de cidade. Morava em São Paulo e estava acostumada com o shopping e todo o conforto de minha casa sem pensar em escola. Precisei mudar tudo e acompanhei meu marido. Um dia resolvi prestar um concurso na cidade, pois a fase de dona de casa havia se acabado. Fui aprovada e retomei a carreira de professora Foi muito difícil voltar a lecionar e está tudo muito diferente. Esqueci de contar que eu tentei dar aulas no começo, mas o salário era muito baixo. Sem filhos, foi muito mais fácil trabalhar em empresa. Mas hoje eu estou na condição de professora e estou na expectativa. Parece que eu nunca estive numa escola e estou abismada com as novas metodologias que estão por aí.

**6- Neide (idade: 36, professora há doze anos em EMEF)**

Gosto muito de minha profissão mas ela não me proporciona tudo o que eu sonhei. No início eu tinha uma grande convicção de que seria feliz sendo professora mas hoje eu não sei mais. Passaram-se os anos e eu aprendi com é difícil manter o equilíbrio e sensatez na hora de julgar as situações que eu vivencio e deixar na escola os problemas que eu vivo lá. As vezes meu marido e meus filhos me repreendem, fartos de minhas reclamações. Quando eu menos espero, já estou lá de novo me lamentando das dificuldades ou das coisas que acontecem na escola. Eles não entendem que eu não tenho para quem desabafar mas entendo que eles não tem culpa. Tenho saudades do tempo de minha ingenuidade em que eu estava somente preocupada com os alunos, se eles aprendiam ou não. Eu era muito esperançosa e gostava de viver na escola e achava que ela era a minha vida. Mas não é só de coisas ruins que eu vivo. Vejo nos rostos de meus alunos, muito carinho por mim. Isso não muda. O que mudou foi a maneira com que vejo realmente os problemas da escola em nossa sociedade.

**7- Neli (idade: 40, professora afastada de sala de aula designada para outro cargo no setor administrativo)**

Enquanto eu trabalhava na sala de aula eu gostei só no princípio. Sair foi um alívio. Nunca vou me esquecer de minha última experiência com 40 crianças, todas com 4 anos. Ser professora não trouxe nenhum reconhecimento profissional, é cansativo e desumano enquanto jornada de trabalho e o número de alunos em sala de aula é grande. Voltei a estudar e fiz um curso superior em outra área totalmente diferente, o que contribuiu mais ainda para que eu saísse de sala de aula. Surgiu uma boa oportunidade para um posto designado perto de minha casa e meu currículo ajudou muito. Pedi afastamento do cargo e estou trabalhando em outra secretaria. Tenho muitas responsabilidades, mas é muito diferente de trabalhar com crianças e não pretendo mais voltar para sala de aula. Não é que eu não goste de crianças, gosto muito, mas infelizmente, a política de educação não favorece o nosso trabalho. Sofremos muito na escola e poucos se compadecem disto. Tenho saudades de minhas

colegas e dos momentos de descontração durante o almoço em que nós ríamos muito. Em meu emprego atual almoço sozinha e não temos tempo para brincadeiras infantis, coisas que reaprendemos com crianças.

#### **8- JOANA (idade: 34, professora de EMEI e EMEF )**

Eu não queria ser professora e no começo eu procurei emprego em outra área. Estava desempregada e quando surgiu o concurso eu passei. Assumi meu cargo em 1990 e nunca mais saí de sala de aula. Eu gosto de sala de aula, mas eu não gostaria de ter que trabalhar em dois empregos. Eu trabalho porque eu preciso. É muito cansativa essa jornada e eu me sinto uma velha. Não tenho ânimo para nada e mesmo após tantos anos de casamento nem consigo ter filhos. Neste ano que passou foi um horror para mim. Fiquei com dores no corpo e nem tinha chegado o final do ano eu já queria férias. É um descaso o que os governantes fazem com a gente em matéria de trabalho. Depois que eu voltei a estudar me conscientizei de várias coisas que a gente precisa mudar mas que é impossível por causa do governo... Nossa! Depois que eu li o que eu escrevi achei muito feio e desolador mas é isso mesmo. A escola é assim e faz isso com a gente e eu duvido que tenha pessoas que não se sintam como eu. O mal é geral. Tinha que haver uma mudança. Alguém olhar pela gente.

#### **9- Benedita (idade: 55, professora há 26 anos de EMEF)**

Pasme mas eu gosto muito de ser professora. Não pretendia seguir esta carreira, mas ela se revelou aos poucos para mim. Fui trabalhar como professora depois de trinta anos de idade mas depois não quis mais sair. Apaixonei-me por esta profissão e não me arrependo desta escolha. Conciliava a profissão com a de mãe e as vezes não podia dar atenção para meus filhos que hoje já estão todos adultos. Eu acho que as moças de hoje se puderem fazer outra coisa que façam porque a profissão não é mais a mesma para quem está começando. Tem muita ilusão e incertezas. Começa tudo muito bonito, mas aos poucos você vai percebendo que na escola tem muita gente insatisfeita e fica difícil trabalhar com gente assim. As vezes é preciso fingir que você também é infeliz. Mudei várias vezes de escola para fugir de gente assim, mas elas estão por todos os lugares e agora que vou me aposentar , cansei de fugir delas. Deixei

todas de lado e faço meu trabalho. É difícil dar continuidade ao que eu gostaria mas felizmente nunca nada comprometeu o meu trabalho em sala de aula mas só eu sei o que eu precisei relevar para continuar intacta até o fim.

**10- Matilda(idade: 32, professora que fez um relato após uma reunião de professores com dez anos de carreira de EMEF)**

Logo que terminou a reunião, senti uma enorme vontade de escrever. Fiquei enrolando para escrever sobre minha experiência na escola e não conseguia pensar em coisas boas. Penso que nós professores precisamos mostrar o que há de bom na nossa carreira, mas com o ambiente que nós mesmo produzimos é quase impossível! Hoje, após um longo período de chuva no Carnaval, retornei a escola para o tão famoso planejamento na referida escola de primeiro grau. Atenta ao que aconteceria na minha escola, cheguei e sentei-me ao lado de minhas amiguinhas de série. Estava contente porque neste feriado pude reorganizar algumas coisas pessoais na minha casa e pude passar um tempo a mais com minha família. E nem bem começou a reunião e começou aquilo que muitos chamam de lavagem de roupa suja. As informações em meus ouvidos se instalavam entre o tilintar de vozes de alguns mais exaltados e perdiam-se na enorme sala que abriga esses eventos. Eram somente desentendimentos. Dúvidas e medo surgem no cenário. De quem é a culpa? Onde é que vai dar tanta confusão? Em nenhum lugar. Não há como evoluir assim se continuarmos a pensar só em culpados, em dificuldades, em prováveis políticas de trabalho adequadas aqui ou ali, apego ao passado e má vontade. Se estivéssemos a véspera das férias eu daria toda a razão para que fizessem essa lavagem de roupa suja, mas com um começo de ano letivo, é impossível planejar, descobrir e redescobrir nossas potencialidades, iniciando assim. Temos um escolha. Alguns irão passar a vida toda, tentando colar os caquinhos e se livrando da culpa que carregam nas costas do próprio fracasso consigo mesmo. Outros irão passar o tempo tentando mudar o pensamento dos outros e exaurindo indiretamente o potencial daqueles que querem fazer alguma coisa. E outros poderão escolher entre compartilhar idéias, tecer teias de saberes e enfim desafiar o que temos aqui. Eu quero ser este que desafia a dificuldade, que afronta a exclusão repleta de barreiras que atinge a minha prática dia

a dia. Eu sofro também, não sou insensível não! Mas é preciso andar para frente que atrás vem gente. É impossível olhar essas crianças e não saber o que queremos para nós juntos. Se você não pensa assim ou é porque cansou de acreditar ou é porque nunca acreditou. Passamos três dias de planejamento e não elaboramos nada de proveitoso para os alunos. Estou envergonhada porque não tenho forças para enfrentar o que eu sinto e acho que no fim do ano vou me remover de lá. Espero que ninguém saiba que fui eu que escrevi isto mas é pura verdade. Quero sossego para trabalhar com os meus alunos.

### **11- Edna ( idade:41,professora há dezoito anos de EMEI e EMEF)**

Meu nome é Edna e adoro o meu nome. Eu gosto muito de ser professora. Já passei pela experiência de ser coordenadora de escola mas não sou efetiva no cargo e voltei para a sala de aula.Estou na mesma escola há dezesseis anos e já conheci muitas pessoas diferentes, algumas comprometidas com o trabalho e outras não .

Sei que hoje as dificuldades de convivência são enormes e quase ninguém tem tempo de ter uma boa amizade.

A escola poderia ser como antes mas eu tenho consciência que não terá volta.

Há alguns anos eu fiquei muito mal de saúde e tive uma depressão profunda. Precisei me afastar por meio de licença saúde e após uma boa terapia eu voltei.

Não sei explicar o que aconteceu mas o assalto pelo qual eu passei com minha família contribuiu para que eu piorasse.

As vezes sinto que tudo pode voltar quando ouço as mesmas conversas de desinteresse, brigas entre colegas. Parecem até que não são professores!

Tenho medo de ficar louca dentro de uma escola que não coopera para que nós tenhamos serenidade e dignidade para trabalhar.

Me desculpe, mas existem muitas pessoas na escola que não contribuem para nada. Estão ali apenas para receber salário e continuam dia após dia minando o trabalho de todos os outros.

### **12 –Margot ( idade:38, vinte anos de carreira em EMEI, relato entregue após uma palestra )**

Estou decepcionada com a carreira. Hoje eu resolvi escrever antes que eu mude idéia. Alíás eu mudei o meu relato. Fiz uma coisa bonitinha mas depois eu rasguei e fiz de novo. Não estou feliz.

Fiquei decepcionada com o que eu ouvi na palestra. Ao invés de trazerem experiências estimulantes que acrescentem a nossa prática só deveres, deveres e deveres do servidor público. De vez em quando eu olhava e o assunto era o mesmo e uma só intenção: nos atormentar com leis.

Eu gostaria de obter ajuda e não descaso para com a minha profissão.

Estou no começo do ano e já recebi um balde de água fria na minha criatividade. É melhor eu não dizer mais nada.

13- Nelma(idade:51,tempo de carreira:17professora há dez anos em EMEI )

Eu acho minha profissão muito boa mas tem seu lado nebuloso.

É preciso ter muita força de vontade para fazer de conta que certas coisas acontecem mas não podemos deixar nada atrapalhar a nossa vida na escola.

Hoje nós assistimos uma boa palestra mas muitos ficaram entristecidos com a evolução dela.

O elemento principal era tudo o que não podemos fazer.

Eu acho que a palestra foi boa, tinha coisa que a gente não sabia e foi importante se ouvir. Não me senti intimidada mas fiquei preocupada. Afinal a gente não pode fazer nada que pode se processada por mães de alunos.

A verdade é que cada um entende de um jeito, é muita informação para a gente.

Fiquei com medo de não estar agindo direito e acho que algumas vezes aparecem palestrantes que não sabem falar para professores porque só se preocupam com a informação mas não se preocupam com os sentimentos das pessoas envolvidas com o processo de educar na escola.

**14- Darlene( idade: 29 ,professora há sete anos em EMEF)**

Ser ou não ser professora?

Quando decidi fazer o magistério, acreditava numa educação para todos, uma relação entre todos.

Hoje, vivendo na prática docente, me sinto frustrada não em relação aos alunos, mas na relação professor- professor, essa relação de desamor que faz com que muitas vezes eu sinta vontade de desistir, porém acredito na essência humana.

Em minha trajetória docente já escutei de tudo, como por exemplo:— essas professoras eventuais são mortas de fome!— eu hein, faltar para dar dinheiro a elas!”

E tem aquelas que fingem ser sua colega e desvalorizam o seu trabalho, outras passam por você e viram o rosto com se tivesse nojo de você.

Não desisti ainda porque acredito no que o ser humano, em sua capacidade de modificar e que vive em constante conflito.

Desejo um dia ver os educadores como pessoas humanas voltadas para educar e se educar.

**15 -Cordélia ( idade:48, professora EMEI há 19 anos e professora de canto em ONG)**

Sou professora há quase vinte anos e ainda gosto de minha profissão.

Digo ainda porque vivo me policiando sobre o pessimismo.

As vezes recorro a oração para sentir uma força superior. Pedi a vida inteira e ainda peço a Deus para que eu não termine como aquelas pessoas que vivem se queixando o tempo todo. Vejo que o tempo não mudou e os cursos continuam a não preparar as pessoas para a vida na escola.

É tanta agressividade, descaso, que saio das reuniões de HTPS, JEIs e planejamento em frangalhos.

É descaso com o outro que tem uma idéia nova, é descaso com o que teima em continuar. É desrespeito a individualidade.

Querem que os professores sejam “coisas obedientes”. Eu não via os fatos dessa maneira mas agora eu vejo.

O difícil é ficar calada. Tenho que ficar calada porque senão eu terei que agüentar a cara feia dos outros ,questionamentos de outros e receber a coroa de



bode expiatório. Tenho vergonha de ter que fingir que nada acontece na escola mas já bastam os problemas pertinentes a sala de aula.

Tenho meu grupo de amizade e somos unidas. Vivo segura perto delas e acho que é recíproco.

Não somos o tipo de grupo “panela” que vive atacando os outros e inibindo os novos que chegam. Apenas nos fechamos para possíveis agressores.

Credo! Eu li o meu escrito e achei feio mas isso é a dura realidade que não podemos esconder de quem quer entrar nesta profissão.

### **16- Katielem( idade:42,professora de EMEI há vinte anos)**

Minha vida na educação infantil iniciou-se no Planedi. Era um horror!!!!

Depois veio a EMEI e estas foram se acabando. Logo me removi para uma.

Demorei a chegar bem perto de minha residência e por isso me removi cinco vezes até chegar aqui.

No EMEI o que mais atrapalha é o número de alunos: 35, 40, 42 e até mais que isso em algumas EMEIS. Ponha isto na sua tese. É um absurdo mas acho que você sabe afinal, é como nós!!!!

Ouçõ tanta teoria mas ninguém me convence de que é natural você conduzir a educação de tantas crianças.

Tem dia que eu chego em casa completamente zonza.

As vezes meu marido me pergunta se eu estou ali mesmo porque eu não presto atenção nele quando fala e que amo mais a escola do que o meu lar. Meus filhos nem ligam mais, já se acostumaram a ver a mãe preparando atividades para os alunos e arrumando relatórios. Já aprenderam a me ajudar a arrumar pastas de atividades. Eles entenderam que tinham de arrumar um jeito de fazer parte de meus deveres.

Não posso reclamar de meu marido que apesar de ter outra profissão (advogado) até brinquedos de dia da criança ele já foi comprar para meus alunos e muito mais.

Gostaria de poder trabalhar com um número menor de crianças.

Elaboro muitas atividades legais e sou bastante popular entre eles mas tem dia que minhas atividades são um fracasso. Não me ensinaram a lidar com esse problema e outros que aparecem no decorrer da carreira.

Eu nunca me arrependi de ficar em sala de aula e já tive convites para sair.

Eu não sei se é certo dizer que a gente sofre mas é feliz. Adoro criança e não trocaria nenhuma por nenhum adulto problemático.

Eu vejo muitas coisas erradas nas relações que há na escola , na burocracia e na Educação mas nada posso fazer a não ser trabalhar. Acho que a pior coisa é ganhar pouco pelo que se faz e abomino a idéia que muitos possuem de que a nossa profissão é um sacerdócio.

#### **17- Gladis(idade :36, professora de EMEI há 12 anos)**

Eu me chamo Gladis, sou professora, mãe de Talita, José, Beatriz e estou grávida do quarto filho: João Pedro.

Não fiquem bravos comigo mas adoro ter filhos. Se pudesse teria mais um mas não poderei mais.

Fico sem graça quando algumas amigas dizem brincando que eu não paro de ter filhos e eu respondo que serão alunos delas .

A maioria tem só um mas eu sou assim, quero dizer nós, eu e meu marido.

Gosto da EMEI mas o número de alunos é muito ruim tanto para mim como para eles.

Fiquei muito triste com o veto do projeto do vereador que pleiteava um número menor de aluno em salas de aula mas tenho esperança que um dia uma pessoa mais influente abrirá discussões em torno deste fator. Ele compromete nosso trabalho e segurança das crianças. Elas se machucam e se agridem com freqüência. Como trabalharemos a noção de moral, a superação do egocentrismo e outras coisas evidentes na criança pequena?

Depois que as coisas acontecem sempre sobra para o professor porque as mães estão interessadas nos fatos e não na professora que estava de costas atendendo outra criança. Já me aconteceu algumas coisas deste tipo no decorrer de minha carreira e pude contar com mães compreensivas e participantes mas já vi colegas serem

agredidas por pais e mães porque os filhos levaram uma mordida de coleguinhas. Só existem direitos para as crianças e pais mas para nós professores só nos resta o medo.

**18- Cleide( idade: 44,professora há 16 anos de EMEI)**

Uma mãe me esperou dentro de estacionamento para me dizer que queria as figurinhas de seu filho de volta.

Pensou que eu era sua empregadinha.

Sou muito cautelosa e acompanho as novidades que as crianças trazem .

É impossível manter um ensino rígido com as concepções que tenho de aprendizagem atualmente.

Todos os anos trabalho os combinados e construo algumas regras de convivência junto com as crianças .

Naquele ano eu havia trabalhado a “ febre do Pokémon.”

Fiz cartazes e vários trabalhos com eles explorando aqueles nomes horríveis, modelagem e esculturas. Foi um trabalhão!

Aconteceu que surgiram alguns tipos de figurinhas de colar com água e o menino, filho desta senhora, começou a retirar várias do cadernos de colegas e eu tomei todas as estragadas.

Tive uma boa conversa com ele e este contou para mãe.

Ela veio a escola tomar satisfações. Não tive dúvida e disse a ela que este tipo de trabalho estava encerrado, que seu filho fez uma coisa errada e eu não iria devolver porque foi tudo para o lixo.

Confrontei a discussão dela com a conversa de seu filho e ele confirmou a minha decisão concordando com o decidido. Mostrei o trabalho na sala e caiu a cara dela! Mas eu estou contando isso para demonstrar porque tantos professores optam por um ensino sem novidades, impessoal. É desgastante pontuar nossas idéias e mostrar nosso trabalho a elas. Estão ocupadas em nos rotular e nos presentear com uma outra modalidade: ser tia de seus filhos.

É muito desagradável ser chamada de tia.

Ser professor é isto e muitas outras coisas que muita gente não vê . Somos massacrados pelos pais dos alunos e por outros que somente apontam as nossas falhas na sala de aula mas quase nunca aparecem para elogiar ou reconhecer o nosso trabalho de professor.

Poderia ter iniciado meu relato com um monte de baboseira mas eu quis mostrar uma cena de rotina que acontece com todo mundo: uma mãe que pensa que manda no seu trabalho e uma professora defendendo seu trabalho.

Todo mundo tem que aprender a se posicionar perante a isso. Nossa profissão e cada ação tem uma função no ato de ser professor.

Eu nunca me esqueci do episódio do Pokémon porque eu fiz uma análise de mim antes e depois. No início de carreira iria ficar chorando com isso mas hoje sou uma pessoa mais forte.

### **19- Patricia(idade:26, professora de educação infantil há dois anos)**

Muitas mães teriam que ser reeducadas para que seus filhos não sejam tão ofensivos e infelizes.

Tive um caso de um menino negro. Ele odiava ser negro e seu nome era Matheus.

A mãe chegava na minha porta para pegá-lo na hora da saída e gritava na porta: Buiu, neguinho vamos embora!

Eu não podia falar nada porque era começo de ano.

Ela fez isso por muito tempo e um dia eu discuti com ela . Não agüentei . Foi um parto para mim porque eu via o sofrimento dele. Ela ficou muito brava e discutimos por uns trinta minutos e perdi meu almoço. Ela dizia que ele estava acostumado a isso porque tudo mundo na casa dele era negro mas que ele queria ser branco e isso ela não iria permitir. Ela demorou a mudar e no fim do ano ele sorriu para mim com um cartão lendo seu nome. Foi todo um trabalho que valeu a pena.

Mas todos os anos temos um problema aqui e ali.

Fico bastante decepcionada com outras coisa: as salas superlotadas, prédios inadequados para as atividades físicas e salários baixos.

Eu acho que a educação infantil deu certo graças a nosso trabalho mas poderia ser muito melhor se tivéssemos menos alunos para orientar e ensinar na escola.

Ser professora é bom apesar de tudo e não posso dizer a quem quer se iniciar nesta profissão com algo ruim porque não acho que seja ruim mas poderia ser melhor assistida pela organização governamental.

**20- Adriana( idade:50,professora de EMEF da disciplina de português há dezoito anos )**

Gosto de lecionar para adolescentes. Já foi coordenadora e diretora substituta.

Não me dei bem nestes cargos e voltei para sala de aula.

A rotina nas escolas de segundo grau são desgastantes e depressivas . Trabalho numa boa região atualmente mas já estive numa região muito perigosa. Não sabia se corria ou se ficava na escola quando havia brigas de gangs no bairro.

Pedi remoção três vezes para conseguir sair, não tinha ninguém que queria ir para lá.

Só quem passou por isso é que sabe.

Mas vou deixar o passado para trás e contar a você como é bom trabalhar nesta escola que estou. Posso elaborar planos com meus colegas e andar no estacionamento com tranqüilidade. As vezes até saímos para comprar lanche na padaria no recreio. Parece uma bobagem mas hoje eu estou em paz.

Gosto de meus alunos e sinto pena de meus colegas que ficaram na outra escola.

**21- Cintia(idade:51, professora de EMEF há 20 anos)**

Meu nome é Cíntia. Irei relatar algumas coisas por ordem de importância: Sou formada em Pedagogia e fiz Pós Graduação em Saúde com ênfase em educação especial mas nunca trabalhei com sala especial.

Faço muitos cursos e sempre procuro algum que seja novidade.

Nunca consegui fazer nenhum curso relacionado as dificuldades que o professor enfrenta em sua carreira e gostaria de fazer um.

Aprendi a enfrentar as dificuldades sozinha e com o apoio de colegas.

Gosto de dar aulas e de trocar idéias com os meus alunos mas acho que as vezes não tenho nada para criar de diferente e me sinto oca, sem criatividade e então recorro para o livro didático.

A segunda coisa que eu irei relatar é a situação dos alunos que a cada ano chegam sem saber nada e eu preciso rever os conteúdos e cada vez dou aulas mais fracas e me sinto culpada por isso. O que fazer?

A terceira coisa é o descaso com a escola pública por parte do governo. Implementou a progressão continuada e não fez nada para nos preparar. Fazemos parte da situação porque “somos obrigados” a aprovar todos os alunos e isto me deixa muito chateada. Perdemos toda a nossa autonomia e opinião.

No ano passado fui obrigada a aprovar um aluno que não tinha nenhuma condição de ir para 5ª série e o fiz.

Quando é que irão rever essa proposta cujo o erro tem como culpado somente o professor?

Este menino ficou 4 anos em nossa escola e tudo foi feito em termos de encaminhamento e a mãe nunca levava. Fizemos até acompanhamento particular com oficinas lúdicas por conta nossa e nada.

O último fator são os pais. Estes não querem saber de nada. A maioria não tem vontade de aprender a fazer um escola melhor . No final fica tudo por nossa conta e a cada ano vejo que a escola está assumindo missões que não é dela.

Eu volto a falar que gosto de minha profissão mas é inegável que há muitos entraves relacionados a ela e que não podemos mais fechar os olhos e fazer de conta que nada acontece a nós todos. Nossa escola está doente e nossos professores também.

**22- Walter( professor de educação física de EMEF que se aposentou uma semana depois do relato, não informou a idade )**

Nossa profissão é muito boa desde que tenhamos materiais para trabalhar e espaços adequados.

Eu me lembro de quase todos os campeonatos que eu conduzi e dos passeios esportivos. Tenho muitas lembranças boas e poucas ruins.

Não é uma profissão para o resto da vida porque há um natural desgaste físico.

Atualmente não faço mais as coisas que eu fazia mas me preparei para isto. O que acontece é que os alunos são muito exigentes e percebem que você não é mais um jovem. Eu gostei de ser professor mas vou me aposentar para prosseguir com outra atividade. Se eu não tivesse outra coisa para fazer estaria deprimido como muitos colegas.

Se eu tivesse que escolher novamente eu escolheria ser professor mas eu procuraria ganhar mais dinheiro. Só com o salário de professor não dá.

Meu filho ganha mais do que eu e já comprou o seu carro. Eu na idade dele nem carro podia comprar. Sempre digo a ele para conduzir melhor suas finanças.

Mas mesmo assim não me arrependo não, tive e tenho muito orgulho de ser o professor Walter.

**23- Silvia ( professora em situação de readaptação definitiva por voz após 15 anos de carreira, idade:42 trabalha em EMEI)**

Eu estou muito melhor agora mas queria estar na escola do outro lado.

É duro para mim.

Minha vida mudou da água para o vinho, não imaginava que ia dar nisso.

O motivo de minha readaptação foi a voz e eu tive que assumir outra função na escola. Só sabia dar aulas e trabalhar em secretaria foi o fim para mim.

Vejo as colegas cantando no pátio e penso: “bobocas parem com isso! Ponham um CD” mas a coordenadora pega no pé delas para cantarem até estourarem a garganta. Eu só assisto. Vou me intrometer? Nem sou funcionária desta escola. Estou temporária aqui.

Não é que eu deseje isso para os outros mas ninguém merece ficar com esse problema. Lecionei por 11 anos mas fiquei incapacitada na escola.

Não bebo, nunca fumei e minha vida sempre foi controlada com o uso de bebidas e sorvetes.

Todo mundo pensa que quem tem problema de voz é porque gritava muito mas no meu caso não foi.

Eu não fui ensinada a usar a voz corretamente e não havia cursos para isso na faculdade de pedagogia.

Quando começou o seminário da voz eu pensei agora já é tarde mas depois minha raiva já passou . Há muito professores e chefes despreparados e quem não está em sala de aula não sabe o que é isso.

Há todo um ritual com a voz mas agora para mim é tarde.

Tenho uma mágoa comigo mesma mas vou prosseguir.

**24- Rosana( idade: 22, 2 anos no magistério como professora adjunto eventual em EMEF)**

Toda a experiência profissional que obtive no decorrer destes 3 anos foram de uma única escola.

E apesar de serem poucos anos, para mim já foi o suficiente para saber que é uma área bastante complicada.

Não entrei na área da educação pensando que tudo seria um mar de rosas, sempre tive os pés no chão, de que passaria por maus bocados.

E hoje infelizmente os problemas parecem que só aumentam, principalmente quando me refiro aos ditos “colegas de profissão”.

Me sinto muitas vezes humilhada, humilhação essa que vem por parte da maioria dos professores, coordenação e direção ; as vezes até parece – me que nós eventuais não fazemos parte da escola, que estamos de favor, e se abrimos a boca, a situação fica pior, temos algumas vezes que participar de certas reuniões, escutar tudo que for dito e simplesmente ficarmos caladas.

A angústia maior vem quando vejo eu sou maltratada por alguns professores, todos com anos de experiência profissional, alguns até com uma graduação em nível superior e nada aprendem ou aprenderam.

Parece que o poder de assumir uma sala ou de deixá-la para assumir uma coordenação ou direção sobem- lhe a cabeça, sentem –se superiores, e pior ainda,



parece que no decorrer da carreira sempre ocuparam a posição que atualmente se encontraram.

Mas que tudo isso sirva com lição e um exemplo a não ser seguido, não ser como os professores que hoje formam o perfil dos educadores, que lutam apenas por interesses individuais, fazem projetos e mais projetos mas todos voltados para a sua vida pessoal( projeto de vida).

Busco através de todas as dificuldades, estudar continuamente, traçar objetivos para minha carreira e sempre ter em mente que a educação só existe enquanto tivermos educandos, e são por eles que devemos, brigarmos, lutarmos e nos unirmos.

**25- Arminda ( idade:35,professora há 15 anos em EMEF e na rede pública estadual)**

Sou professora a mais ou menos há 15 anos. Iniciei a carreira como professora comissionada na rede municipal com professor adjunto.

As maiores dificuldades encontradas ao longo desses anos são as péssimas condições de trabalho, os baixos salários( desvalorização) e a jornada dupla, sendo que esses últimos influem diretamente na qualidade de vida que por sua vez afeta o trabalho pois somos um todo, pessoal e profissional.

Posso afirmar que sou professora por vocação mas confesso que já tive vontade de desistir, algumas vezes, sinto-me” remando contra a maré”.

Salas superlotadas, crianças desestruturadas, pouco ou nenhum recurso didático, falta de especialistas( fono, psico entre outros)que poderiam ser um auxílio, sem mencionar a falta de coleguismo e de capacitações de qualidade.

Porém, nem tudo são espinhos, é muito gratificante observar o progresso dos alunos, especialmente aqueles que vencem obstáculos e realmente aprendem pois há uma grande distância entre ensinar e aprender. São termos usados no cotidiano escolar como se fossem faces de uma mesma moeda, mas não é verdade( real)

Sendo assim, quando um aluno de fato aprende, posso dizer que sinto-me realizada e contente e afinal a minha função é essa!!!

Considero a minha profissão um bem público e tenho certeza que contribuo para construir um mundo melhor e gostaria muito de ser valorizada por isso!

É triste e vergonhoso ver estatísticas relacionadas a qualidade ( péssima) do ensino no Brasil, mas não será tão simples mudar esse cenário, há um longo e tortuoso caminho a percorrer! Ufa!!!!!!

**26- Benvinda\*( idade:48,professora readaptada por câncer de mama trabalha em SME)**

Iniciei na Prefeitura no dia 19 de fevereiro de 1991. Mas antes disso tem uma história. Para a inscrição no concurso eu não tinha dinheiro. Precisei pegar emprestado. Eu trabalhava em uma creche e na época eu ganhava muito pouco. Fiz o concurso e passei na 1ª fase. Quando eu fui fazer a 2ª fase, prova de redação, estava tão nervosa que isso refletiu na minha letra. Eu achei horrível o modo que escrevi. Foi uma surpresa para mim ter passado. Depois do concurso, quem já prestou atenção sabe disso, fiquei ansiosa, aguardando a chamada. Finalmente, levei títulos, etc, etc e fui fazer o bendito exame médico. No último exame o de garganta eu era a primeira a ser chamada. O exame estava marcado para as sete da manhã e as 6:30 eu já estava no Demed. As 9:30 mais ou menos chega o médico nervoso porque tinha batido o carro . “E eu paguei o pato”. Ele não conseguiu fazer o exame da minha garganta porque eu tenho pavor daquele palitinho e então me encaminhou para uma endoscopia. Pode? Pode sim, tanto que eu não iniciei no cargo no tempo certo. Nem pude escolher a minha classe. A escolha foi feita pela minha diretora. E eu fiquei com uma 1ª série do primeiro período, logo de cara. Como eu não tinha experiência, a coordenadora pediu para uma das professoras mais antigas para “ficar de olho”, vendo se eu precisava de ajuda. Foi bom porque eu fiz uma grande amizade com a minha espiã. Mas a vida na Prefeitura é muito diferente de uma empresa. Trabalhamos tanto ou mais que um funcionário de uma empresa. Temos capacidade de organização, de lidar com imprevistos, de solucionar problemas difíceis de relacionamento, nos locomovemos para lugares distantes, lidamos com comunidade carentes e problemáticas e, mesmo assim, nos consideram incapazes. Esse outro enigma do funcionalismo público. Por que ele aceita ser o centro de todas as mazelas, todos os problemas das administrações? Pois é, essas questões que eu não consigo responder. Afinal, ei vivi os dois lados e sei que existem muitas virtudes do lado de cá. Trabalhei

muitos anos em empresa. Enfim , voltemos ao relato. Foram quatro anos na sala de aula. Eu realmente me comprometi com o meu trabalho. A comunidade já me conhecia, por causa da creche, e sabia que eu fazia visita as famílias. Eu aproveitei deste fato apenas uma vez . A mães tinham pavor de que eu fosse a casa delas e meus alunos eram muito freqüentes. Peguei uma terceira série com alunos entre 9 e 25 anos de idade. Esse ano foi realmente uma barra. Eu tinha alunos de todos os tipos. Do quieto ao malandro, mas malandro de verdade. Mas esse foi o melhor ano que eu tive na escola. Foi o mais gratificante, pois pude trabalhar com personalidade diversas e tive o grande desafio de conhecer um pouco melhor eu mesma, meus limites, as minhas dificuldades. Foi nesse ano que eu quase ganhei mais um filho- e quase apanhei da mãe desse filho. Eu tinha um aluno difícil, que já tinha repetido de ano as séries iniciais algumas vezes, estava com 12 anos e na terceira série. Possuía uma história de vida muito infeliz e o pai já havia até o jogado d barranco e a mãe quando soube, ajudou o marido a fugir e , em resumo o caso ficou por isso mesmo. O menino precisava de tênis, roupas e eu e meu marido resolvemos que iríamos comprar algumas coisas para ele. E ele começou a achar que era melhor ele ir morar com a gente do que com a família dele. Um dia cheguei na escola e lá estava ele com mala e cuia pronto para morar comigo. Dessa vez chamamos a mãe que veio sim, com muitas pedras na mão dizendo que eu queria roubar o filho dela. Em resumo foi uma grande confusão mas que se resolveu quando ela acabou compreendendo que o filho precisava de uma mãe mais presente, que desse mais atenção a ele. No final de 1994, pedi minha remoção. O ano de 1994 foi difícil pois eu perdi meu sogro e descobri que tinha câncer de mama. O resultado foi confirmado numa 5ª feira e numa segunda feira eu estava na mesa de cirurgia. Quando me recuperei da anestesia fiquei feliz pois percebi que eu ainda tinha o seio esquerdo , mas a enfermeira me comunicou que a operação não tinha sido realizada, pois o parêlo que iria fazer a biopsia de congelamento tinha apresentado problemas, então tinham tirado apenas um pedaço do tecido para fazer a biopsia e eu deveria retornar na semana seguinte para uma nova operação. Quando voltei para a internação o resultado já havia saído. Deu positivo e sofri uma mastectomia total do seio esquerdo . Nesta época descobri ( se bem que eu já sabia) que eu era uma pessoa de sorte. Fiz quimioterapia por dez meses e fui readaptada. Descobri o câncer a

tempo, tive o apoio de minha família – meus filhos que apesar de pequenos na época foram maravilhosos e meu marido que foi uma grande e sensacional companheiro, me apoiou muito, e o que eu mais admiro em todos eles é que nunca, nunca mesmo demonstraram o quanto ficaram chocados com a minha situação. Isso foi interessante pois eu sei que a visão do meu corpo era chocante, mas eles nunca nem por atos ou palavras demonstraram isso. Nesse meio tempo aconteceu uma coisa esquisita. As pessoas, minhas amigas, ficaram afastadas de mim. Até hoje eu não entendi porque. Câncer não é contagioso. Mas parece que as pessoas não pensam assim. Após a readaptação fui trabalhar na secretaria. E sabe o que o readaptado faz? Atrapalha o serviço, segundo as pessoas da secretaria!! E essa opinião me deixava muito, mas muito brava! Fui abrindo meu espaço pois acho que a única coisa que me fazia esquecer do meu problema era o meu trabalho e eu exigia trabalhar. Fiquei seis meses readaptada temporariamente. Fui chamada no DEMED( atual Desat) para fazer um entrevista. Achei que ia voltar para a sala de aula mas fui informada da minha readaptação definitiva. Imaginar que eu iria passar o resto de minha vida em secretaria foi um susto. Fiquei de 95 até o final na EMEF, quando me removi para a EMEI. Secretaria novamente. Mas foi uma experiência muito boa. Diferente da outra escola. Apesar do trabalho que é muito, a escola de educação infantil é mais humana. É mais próxima das pessoas. Todo mundo é mais unido. Foi um período muito bom. Atualmente estou trabalhando em SME. Descobri que o mundo da Educação é bem maior do que a escola, as coordenadorias e que todos têm um papel muito importante dentro dessa engrenagem. E descobri que existe um preconceito muito grande entre nós mesmos pois cada uma acha que o seu trabalho é o mais importante que o do outro. E descobri mais ainda: O MELHOR LUGAR PARA SE ESTAR É DENTRO DA SALA DE AULA. APESAR DE TUDO SER IMPORTANTE, É LÁ QUE AS COISAS ACONTECEM DE VERDADE. ONDE OS RESULTADOS SÃO SENTIDOS( OS BONS E OS MAUS), ONDE VALE A PENA ESTAR.

**27- Lenita ( professora de 37 anos readaptada por problemas mentais e em processo de licença saúde de EMEF da disciplina de história)**

Trabalhei muito na minha vida e isto faz mais ou menos uns dezoito anos. Fiz o magistério em escola pública e fiz faculdade particular. Trabalho desde os dezesseis anos e iniciei minha carreira em creche particular. Desde o começo eu vi que a coisa nunca mudaria e se você fizesse algo errado não seria ajudada. Estou fora de sala de aula há uns quatro anos e não vou voltar mais mas já tive outros cargos na escola. Minha readaptação foi rápida é muito ruim porque na escola ninguém queria ver a minha cara lá. Parecia que eu era um bicho. Acho que eu era levada a fazer essas coisas agressivas mas agora com tanto remédio eu nem tenho força para dizer mais nada sobre o que me incomoda. As coisas não sumiram da minha cabeça e não esqueci que há muitos problemas nela e muita gente vai acabar como eu. Sabia que quando eu vou buscar o meu holerite as pessoas se escondem de mim. De medo. No começo eu achava muito bom mas agora eu acho horrível viver com isso. Vejo as colegas na escola e elas abaixam a cabeça para não responder um oi. São os mesmos. Tenho muita dó da minha família que me ajuda a continuar viva. Porque os remédios só fazem eu ficar parada sem ação. Para escrever isso eu fiquei dias para fazer. Durmo e acordo e parece que os dias não passam. Fica uns buracos de desordem. Deve ser desordem. Vou na Psiquiatra e nada melhora para mim e esses remédios acabam com o meu salário.

Estou fazendo caminhada mas não consigo melhorar. Eu era tão esperta e rápida para fazer as coisas e agora estou um lixo. Não desejo nem para o meu pior inimigo ser professor. Vejo pessoas que eu nem via mais e elas estão melhores do que eu na aparência. Eu tô acabada e infeliz. Isso tem que melhorar a maneira da escola ser vista e trabalhada por pessoas que fazem as leis que nem sabem o que acontece com a gente. Eu queria que eles se enchessem desses remédios que eu tomo para ver o que é bom.

**28- Maria Edite ( professora readaptada por problemas na coluna, no ombro e nervo ciático, idade:60,tempo de carreira:29 anos /trabalha em NAE )**

Eu estou muito bem nesta nova função e não poderei mais voltar para a escola. As vezes tenho um surto de teimosia e faço várias coisas num dia. Tenho restrições para uma série de coisas mas eu vou contar porque eu fiquei assim. Iniciei minha

carreira em creche e desde o início eu carregava crianças no colo. Tive um filho só mas ele ficou pouco no meu colo porque eu trabalho o dia inteiro. Vida de professor né. Depois eu passei em outro concurso mas nada mudou no trabalho com criança. Eu continuei abaixando para amarrar sapato, pegando os chorões no colo, apontando lápis feito uma máquina, escrevendo na lousa, preenchendo relatórios, passando lição em caderno de criança, descascando fruta, recortando papéis então nem se fala! Depois veio as dores e eu disfarçava com um monte de analgésico e após a readaptação eu me conformei com isso e hoje eu não faço nada além de dar recados no NAE, levar papéis leves e esperar minha aposentadoria que está bem próxima. Não tenho mais saudade da fase que era professora porque o tempo se encarregou de acabar com isso. Passei quase trinta anos lecionando e nada mudou. Eu deveria ter feito outra coisa além de ficar em sala de aula e por isso eu piorei. Espero que meu relato sirva de alerta para que as professoras não fiquem carregando tanto peso que nem eu, abaixando e fazendo de conta que seu corpo é invencível. Tem que se cuidar e se poupar. Nós mulheres somos educadas para sermos auto suficientes, super mulheres e depois tardiamente percebemos o quanto fomos indisciplinadas com o nossa saúde. Nunca imaginei que iria ficar com seqüelas em toda a parte do corpo. Tomo medicamentos de uso contínuo para não sentir tanta dor e faço fisioterapia mas na minha idade não tem mais jeito para ficar melhor que isso. Eu gostei de ser professora quando era mais jovem mas agora nem quero mais me lembrar desse tempo. Não há propostas de ajuda ao profissional nas escolas, nos cursos de magistério e nem em nenhum lugar. Eu nunca vi e se alguém disser que tem na escola está mentindo descaradamente. É muito fácil dizer o que é certo depois que a gente se prejudicou. Com a minha idade posso dizer que já vi muitas injustiças contra o professor na escola. Carregamos o peso da responsabilidade nas costas sim até no sentido figurado. Vivemos os problemas das muitas crianças que conhecemos e continua assim: todo mundo vivendo na ilha da fantasia. Eu não estou mais na sala de aula mas vejo os meus colegas cheios de coisas para escrever e preparar. O computador foi inventado mas a sua manutenção é cara para o professor e ele também desenvolve problemas por usá-lo.

Estou acabando minha jornada na Educação e nunca diminuíram o número de alunos por professor e o salário é defasado. Isso é um problema de política educacional que existe e tem que ser consertado. Eu sei que o professor deve brigar por ter esse direito mas como é que fica aquela coisa de que nosso trabalho é servil, nascemos para isso e somos a mãezinha. Tem que acabar com essa situação. Eu queria que um desses governantes fosse a escola e passasse um semana na escola para ver como nós professores somos heróis vencidos. É isso mesmo, um herói vencido para mim é aquele que vai lutar até ser vencido pelas armadilhas. A cada ano mais heróis são vencidos mas eles não cansam de chegar e mesmo depois da derrota continuam sua jornada. Somos um exemplo.

**29-Alberto( idade: 30, professor adjunto de ensino fundamental há um ano e da rede estadual de educação básica há doze anos)**

Minha história de professor começou por acaso. Estava com 13 anos e trabalhava como entregador de pizza na região do Campo Belo, zona sul de São Paulo. Mas chegava atrasado na escola, cursava o 1º ano do colegial e no final de um mês já estava com quase 50 faltas hora/ aula. Minha mãe, preocupada, desabafou com uma amiga que lhe informou que existia um curso profissionalizante remunerado. Surgiu assim a oportunidade de poder estudar e ajudar financeiramente em minha casa. Compareci no posto de inscrição munido da caixa de entregador quando a moça que seria uma de minhas professoras me perguntou: — você vende sorvete? — respondi — não, entrego pizza congelada. A professora disse que eu só poderia formalizar a minha inscrição acompanhado de minha mãe pois eu era menor de idade. A mesma compareceu e assim comecei a estudar no CEFAM. Ao longo do curso e durante o estágio descobri minha vocação que era ser professor.

Ao concluir os meus estudos, trabalhei inicialmente numa escola no Jardim Miriam por um ano e trabalhei também na Aldeia SOS, Projeto Labor, mas firmei minha carreira na escola pública estadual, onde trabalho há doze anos.

Trabalhei como professor de capoeira na rede estadual de 1998 até 2001 e ao mesmo tempo desejava ser professor de Educação Física.

Sempre fui esportista e na capoeira aliviava a frustração de não estar fazendo o curso superior.

Eu não podia pagar um curso pois meu salário era comprometido com as despesas da minha família mas no ano de 2000, com incentivo de muitas pessoas importantes na minha vida , iniciei o curso de Educação Física na Universidade de Santo Amaro. Muita gente não tem idéia de quanto eu sofri para chegar aonde eu cheguei a passos bem vagarosos.

No ano de 2003 formei-me no curso de educação Física e fui aprovado no concurso de professor titular adjunto e de titular de ensino fundamental na PMSP.

Iniciei a jornada de acúmulo de cargo e no início fiquei esgotado mas depois eu me acostumei. Agradeço a profissão de professor que apesar das dificuldades, proporcionou-me o acesso a esse curso superior e assim dar prosseguimento nos estudos para que eu possa continuar estudando. Eu gosto muito de ser professor mas no ano de 2003 aconteceu um fato desagradável. Fui trabalhar numa escola mais afastada na rede estadual porque não sou efetivo .Com a mudança e foi-me atribuída uma 1ª série .Há uns cinco anos eu não trabalhava mais com 1ª série. Ao iniciar o ano logo na primeira semana, uma aluna me disse que sua tia estranhou um professor na 1ª série.Eu relatei este fato porque acho que a profissão é predominantemente feminina e há uma diversidade de preconceitos na escola. As vezes surgem assuntos que nem sempre estamos preparados e assuntamos de improviso. Quero aproveitar para dizer que também somos muito explorados pelas mulheres que pedem para nós carregarmos peso para elas, montarmos barraca de festa junina, pintarmos quadra, enfrentarmos cachorro bravo no estacionamento e muitas outras coisas inesperadas. As mulheres, inclusive a minha noiva que é também professora, reclamam muito .Sinto que as vezes ocorre uma guerra entre as mulheres que me parece ser um rivalidade de “ quem é melhor”. Isso é o que mais compromete a harmonia no trabalho. Observei isto na época de estudante de magistério , durante o meu trabalho como professor e mais recentemente no curso de educação física.

**30-Luiz ( idade:47,professor de EMEF de educação artística há 20 anos)**



Gostaria de afirmar que ser professor é satisfatório e que nunca temos que nos preocupar com humilhação ou medo de ser demitido mas isto é uma inverdade. Sou efetivo mas nossa profissão é muito desgastante a nível de trabalho.

Os professores de ensino básico que me perdoem mas nós professores de ensino médio temos uma outra realidade. Há muita violência por parte de alunos e não alunos, o que dificulta o nosso trabalho. Já tive colegas que saíram da profissão por medo e ameaça de pessoas que não queriam mudança ou informação a respeito de coisas importantes para a vida. Mas não é só esse problema que incomoda. As relações pessoais na escola são bastante superficiais e isto impede que um projeto político tenha sucesso. Felizmente há um outro lado que compensa. Fico feliz com muitos alunos que encontro trabalhando em até empregos mais bem pago que o meu, alguns cursando o superior.

### **31-Gabriela( 22 anos, professora titular há dois anos )**

Lembro-me do tempo que eu fazia estágio e era ruim mas agora sou titular e não sofro mais daquele jeito do início. Eu vou copiar um trecho do meu diário para você e outros lerem: “Ao iniciar o estágio eu pensei que iria poder participar das aulas. O que eu vivia é muito chato e tem sala que dá vontade de dar no pé. Sinto-me como os alunos. Quando bate o sinal quero sair correndo. Ficamos sentadas no fundo da sala, eu e minha parceira de estágio que nem estátuas. Tem professoras que nem olham que a gente está lá. Tem algumas que querem a gente apenas para corrigir e passar lição em caderno. Mas eu tenho que falar da professora Débora. Ela acolhe a gente e é uma briga para quem quer ficar na sua sala. Ela nos dá tarefas e mostra através do diálogo o que é reger um aula. Ela gosta de verdade de ver a gente na sala dela. As vezes ela brinca que vai ficar com ciúme da gente se referindo as colegas de forma gentil e explicando porque tem professor que não quer estagiária. Ela é fina com todo mundo! Gente boa mesmo. Nosso professor supervisor faz a troca ao fim de cada mês e ninguém que sair da sala dela porque a gente aprende com ela. Já soube de meninas que fizeram estágio com ela que ela atende após as aulas para dar conselhos existenciais. Vê se pode alguém se preocupar com gente na escola. No começo eu não acreditava que ela era isso mesmo que as meninas dizem dela. Achava que era só

fama. Mas depois eu vi com os meus próprios olhos o que é essa Débora. Logo que chegamos ela tirou a gente do fundo da sala. Me deu um frio na barriga. O que acho ruim é que o resto é muito ruim e a gente quer desistir só de ver os problemas que acontecem na real. Acaba o estágio na sala dela e voltamos para o marasmo na sala das outras. O que acontece que essa mulher existe.” Nunca mais eu vi a Débora porque trabalhamos muito. Aprendi uma lição com ela e nunca irei fazer o que os outros fazem. Eu estou muito nova no magistério mas já sei que é diferente daquela época e eu estou estudando na faculdade e estou bem mais tranqüila mais eu nunca farei com ninguém aquilo. Ainda vejo muitas professoras agindo assim. Algumas são horrorosas e outras são especiais como a Débora que me ensinou a não desistir.

**32 )Vera( idade:32 , 4 anos de experiência)**

Sou uma professora formada em Letras mas nunca lecionei para outra série que não fosse do curso primário. Sou casada e tenho dois filhos. Sou professora de segunda série e sempre trabalhei em escola pública. Todos os anos escolho a Segunda pois com o passar do tempo me familiarizei com ela e gosto mais. Minha rotina é bem simples e minha preocupação é aplicar logo a sondagem para verificar quem sabe ler porque nem todos são alfabetizados. Trabalho numa boa escola que possui excelentes funcionários comprometidos.

**33)Eunice ( idade: 28, 3 anos de experiência)**

Iniciei minha carreira a pouco mais de dois anos em que ingressei como professora no último concurso e sei que tenho muito o que aprender. Fico olhando o que as colegas fazem para aprender um pouco com elas que possui uma paciência!

Fico envergonhada com algumas coisas erradas que eu faço porque eu não tenho experiência. Tem tanta coisa para fazer que eu não sei fazer direito: diários de classe, tarjetas, relatórios então , nem se fala. Até parece que eu não aprendi nada na faculdade mas sou esforçada. As vezes parece que eu vou esquecer tudo de uma vez porque é muita informação ara mim. Sempre digo que estou aberta para receber informações de quem quiser me ajudar. Quero melhorar com professora porque sei que ainda não sou o que eu deveria ser.

**34)Sofia( idade:24 , 5 anos de experiência)**

Formei –me muito cedo e logo passei no concurso. Fui logo fazer a faculdade porque não dá para viver somente com o curso do magistério . Trabalho muito mas não tempo de saber de nada que acontece na escola .São poucos anos de experiência e já me acostumei com o processo da escola. Trabalho com 4ª série e todos os problemas que eu encontro na sala de aula encaminho para a direção ou coordenação. Tenho sido bem atendida e meu trabalho é adequado. Pretendo prestar outros concursos pois meu maior desejo é ser diretora. Sou muito nova e pretendo crescer profissionalmente.